IRMÃO JOSÉ OTÃO

PENSAMENTOS DE ONTEM E DE HOJE

IRMÃO JOSÉ OTÃO

PENSAMENTOS DE ONTEM E DE HOJE

349.94
087p
ex.3

MINISTERIO DA EDUCAÇAO E CULTURA
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇAO

Com licença dos Superiores

IMPRIMATUR

Porto Alegre, 29 de março de 1957

Dom Edmundo Luiz Kunz, Bispo Auxiliar e Vigário-Geral do Arcebispado.

"Aos universitários brasileiros, na fase primaveril da vida, ávidos da verdade que empolga e fascina.

Não tendo compromissos com o passado, podem viver plenamente o presente e preparar-se, com alvoroço, para as responsabilidades que a Providência lhes destina".

CIVILIZAÇÃO E CULTURA

TÔDAS as coisas neste mundo têm a sua história, inclusive as palavras. É o que se depreende do exame de qualquer tratado de semântica. Por vezes os vocábulos têm acepções diversas segundo os lugares; outras, e é o caso mais geral, segundo os tempos, constituindo o seu estudo precisamente a semântica. Acontece também que determinados termos têm um significado bastante vago e impreciso, proveniente exatamente da sua grande extensão ou compreensão.

É do estudo de dois vocábulos destes que vamos nos ocupar nas linhas abaixo, dois vocábulos continuamente empregados na linguagem escrita ou oral, vocábulos cujo conteúdo não está sempre claramente definido.

Quero referir-me aos conceitos de Civilização e Cultura.

O significado etimológico não corresponde ao sentido histórico e ao sentido hodierno atribuído a ambos os termos.

Sob o ângulo filosófico, o conteúdo ideológico destes termos tem variado largamente, até que, em nossos dias, parece, está como que começando a sedimentar.

Digo começando, pois, ainda existem divergências entre os pensadores.

O problema é de tal envergadura que, em 1929, em Paris, o Prof. HENRI BERR, diretor da revista "Revue de Synthése Historique", promoveu uma reunião de professores para discutir o conteúdo de ambos os termos. Foi em consequência deste encontro que, no ano seguinte, apareceu "Civilisations, le mot et l'idée", revista do "Centre International de Synthése", contendo o resumo das discussões supramencionadas.

Diz ALBERT SCHWEITZER, em sua obra "Decadência e Regeneração da Cultura": "As tentativas de estabelecer-se uma linha de distinção entre cultura e civilização adotam o mesmo critério de pretender fundamentar em ponto de-vista histórico os dois tipos de cultura — a que é alheia às cogitações morais, ao lado da que é baseada no sentido moral da vida. Nada, porém, na história do vocábulo "Civilização" justifica uma tal distinção. Êsse termo, segundo foi usado nas origens, significa o mesmo que cultura, a saber, o desenvolvimento do homem para a conquista de uma melhor organização da vida e maior civilidade. Em algumas línguas prefere-se uma ou outra dessas expressões. O alemão fala comumente de "Cultura", o francês de "Civilização". O estabelecer-se, porém, uma distinção de significado entre ambas, não é procedente, nem histórica nem lingüìsticamente falando. Fale-se de cultura dependente ou independentemente de cogitação moral ou fale-se de civilização igualmente isenta ou sujeita a essa cogitação, nunca porém de

Cultura e de Civilização, como termos distintos". (*Obra citada,* pág. 49).

Nesta obra, escrita no primeiro quartel do século, percebe-se ainda a significação mais ou menos idêntica dos termos em análise.

A marcha para uma distinção crescente, far-se-á, porém, e ràpidamente.

2 Um dos maiores mestres da Filosofia contemporânea, JACQUES MARITAIN em sua obra "Religion et Culture" (Paris, 1930), analisa os dois conceitos, declarando ser a "Cultura" o desenvolvimento racional do ser humano considerado na sua totalidade; mas, podendo êsse mesmo desenvolvimento, considerado num caso especial, também ser designado pelo termo civilização, quando se refere, por exemplo, à formação da cidade, e da vida civil, das quais, a civilização é como que o prolongamento e a projeção. Apontado, porém, o entrelaçamento dos significados dêsses termos, declara ainda MARITAIN que "une civilization ne mérite ce nom que si elle est une culture, un developpement véritablement humain et donc principalment intelectuel, moral e spirituel". (*Obra citada,* pág. 13).

Percebe-se que segundo o grande mestre gaulês, a cultura se avantaja à civilização e, mais ainda, que esta só pode existir verdadeiramente em função daquela. Os conteúdos ideológicos começam a delimitar-se um pouco mais, sem todavia tornarem-se perfeitamente distintos.

3. Se nos reportarmos a um dos dicionários filosóficos de mais valor, o "Vocabulaire de Philosophie"

de LALANDE (1932), encontramos lá as seguintes definições:

"Cultura, num primeiro sentido, seria o desenvolvimento ou o resultado do desenvolvimento de certas faculdades, do espírito ou do corpo, por meio de exercícios apropriados.

Num segundo sentido "Cultura" é o caráter de uma pessoa instruída e que desenvolveu pela instrução o gosto, o senso crítico e o poder de julgar.

Em ambos os casos, já estamos percebendo uma tendência para atribuir-lhe um sentido próprio e definido.

No mesmo dicionário, encontramos também para o termo civilização, dois conceitos: "Civilização" é um conjunto complexo de fenómenos sociais, de natureza transmissível, apresentando um caráter religioso, moral, estético, técnico ou científico, e comum a todas as partes de uma vasta sociedade ou a várias sociedades relacionadas.

E êste outro, em oposição à barbárie ou estado selvagem: "Civilização" é o conjunto dos caracteres comuns às mais altas civilizações (no 1° sentido), julgadas mais desenvolvidas, isto é, praticamente, a da Europa e a dos países que a adotaram nas duas linhas essenciais.

Percebemos de imediato, de acordo com LALANDE, que ao termo civilização corresponde um sentido bem diferenciado do sentido atribuído ao termo cultura.

O elemento central da cultura é o homem; ao passo que o elemento central da civilização é o mundo, o universo, embora seja sempre o homem o agente e o realizador.

As duas distinções não são perfeitas, mas suficientemente claras para não permitirem confusão.

4. Analisando uma obra recente (1944) de ANDRÉ KRZESINSKI, professor da Universidade de Cracóvia, publicada pela "Editions Fides", em Montreal, sob o título "La Culture Moderne est Elle en Péril?", encontramos retomado o tema dos conceitos de civilização e cultura, mostrando o autor que esses conceitos variam não só de autor a autor, mas também de país a país. E cita vários exemplos do que afirma, resumindo assim as várias opiniões: "A mudança de sentido das noções de cultura e de civilização se desenvolve aliás, agora, em conformidade com a etimologia, no sentido de que a primeira (a cultura) amplia sempre mais seu domínio, ao passo que a segunda (a civilização) o restringe cada vez mais. (*Obra citada*, pág. 33).

5. Chegados a êste ponto, podemos precisar os conceitos em estudo, procurando caracterizar de modo adequado cada um deles. Assim, podemos afirmar, sucinta, mas expressivamente, ser a "Civilização" o domínio do homem sobre a natureza, e a "Cultura" o domínio do homem sobre si mesmo.

A primeira, compreende o esforço coletivo da sociedade na conquista do universo, no domínio do solo,

das águas e dos ares. Utiliza o homem, na sua realização, todo o seu engenho criador, tôda a sua capacidade construtiva, valendo-se de mil e uma técnicas, frutos de sua inteligência.

A segunda, a cultura, é mais um esforço individual, embora a sociedade sirva de estímulo, no conhecimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento do próprio homem. Aqui também utiliza êle todo o seu poder, tôda a sua energia para realizar a cultura; não, porém, o poder e a energia físicos, mas, o poder e a energia morais.

Pela civilização o homem auxiliado pela técnica, domina a natureza, explorando-a em seu benefício. Nada lhe resiste. As riquezas são extraídas da terra; as forças naturais juguladas e utilizadas; os mares atravessados; o solo é lavrado e o subsolo perfurado. Os minérios são decompostos. Enfim, a natureza inorgânica e orgânica é estudada em todos os aspectos, e explorada em todos os domínios, tornando-se o homem cada vez mais senhor do mundo e rei da natureza.

Pela cultura, ao contrário, o homem desbasta-se a si mesmo, penetra o mistério do seu ser, conhece as forças extraordinárias da sua razão *e o* poder incomparável de sua vontade. Analisa a constituição da pessoa, caracteriza-lhes os elementos fundamentais e procura levá-los ao máximo desenvolvimento. Reconhecendo em si um ser racional e livre, dotado de direitos e deveres, procura cumprir os últimos, defendendo os primeiros, não esquecendo, todavia, que os

direitos de um, vão até onde começam os direitos dos outros.

6. E poderíamos continuar esta análise. Não é necessário, porém, pois o tema ficou, suponho, suficientemente claro.

Percebemos, de um modo geral, que o domínio da civilização é o material e o campo próprio da cultura é o espiritual e o moral.

Percebemos também de imediato que a civilização sem a cultura pode tornar-se para o homem um grande perigo: um instrumento de domínio do forte sobre o fraco, um motivo de prepotência e de exploração. A segunda, porém, levando o homem ao conhecimento real do seu ser, de sua origem e destino, da igualdade da natureza humana, tem por papel regular a ação da primeira. Daí a afirmação de MARITAIN de ser impossível a civilização sem a cultura.

7. Mas, apesar de tôda a análise feita, seria incompleto êste estudo se não disséssemos algo mais, se não disséssemos que assim como a "técnica é o instrumento da civilização, a religião é a base da cultura".

Se a técnica amplifica o poder humano, a religião diviniza o esforço no domínio de si mesmo e lhe supre as deficiências pela graça. Por isso, aos "grandes" no campo da civilização podemos opor os "santos" no campo da verdadeira cultura, pois foram êles que mais e melhor "cultivaram" o seu ser, tornando-o semelhante ao divino modelo e isso tanto mais, quanto mais viveram ou encarnaram os ensinamentos e os preceitos do Mestre de Nazaré.

E', pois, forçoso concluir, com MARITAIN, que a civilização sem a cultura não é possível; mas, ampliando ô pensamento do grande pensador, podemos declarar que a cultura só é perfeita quando baseada na Religião e por ela completada.

INDIVÍDUO E PESSOA

HÁ palavras que de acordo com o significado lato ou restrito que se lhes atribui assumem uma amplitude maior ou menor, sendo por isso poucas vezes empregadas com significação bem definida. E' o que acontece com os vocábulos indivíduo e pessoa. Aplicamo-los aos componentes da sociedade humana às vezes com sentido indiferente; outros com alcance pejorativo ou laudatório.

É comum, por exemplo: anexarmos tanto a um vocábulo como a outro, um qualificativo, tendente quase sempre a exaltar a pessoa e a diminuir o indivíduo. Assim, ouve-se dizer: um indivíduo qualquer, um indivíduo de maus bofes, de baixo nível social, de maus precedentes, etc.; e por outro lado, uma pessoa distinta, uma pessoa muito prendada, de nobres qualidades de espírito e coração, etc.

Percebe-se que o uso comum, estabeleceu uma diferença no sentido profundo desses vocábulos, bem como os seus correlatos, individualidade e personalidade.

Interessante será, por certo, determo-nos por uns instantes no exame do conteúdo preciso desses termos

e *em* consequência, empregá-los com mais rigor e precisão.

2. Dentre os vários modos de inquirir o significado de uma palavra, dois são mais habituais, o etimológico e o essencial ou filosófico.

Daremos do primeiro apenas leves noções, encontradiças, aliás, em qualquer dicionário etimológico, demorando-nos mais no segundo, pois é o que vai nos fornecer os elementos necessários à sua perfeita compreensão.

Individuum, - - de *in* mais *divisum,* — significa o que não pode ser dividido sem ser destruído. Neste particular aplica-se esta palavra não só ao homem mas também aos animais e vegetais, pois formam um todo ontológico. Não assim, porém, aos seres inanimados, pois estes podem ser divididos longamente e conservar assim mesmo suas características.

Persona — de per mais *sonare* — significa a máscara que os comediantes antigos usavam para representar seu papel no palco e deste sentido, por metonímia, passou a designar o próprio comediante, e por fim o homem, que também desempenha um papel no palco da vida.

Vê-se de imediato que o recurso à etimologia, embora pudesse ser explorado mais profundamente, pouca vantagem nos traz para a compreensão do sentido dessas palavras.

.3. Passemos, então, ao exame da definição essencial ou filosófica dos termos, atendo-nos naturalmente a um sistema de pensamento clássico e perene, o sistema aristotélico-tomista.

E' dentro do campo filosófico que esses termos vão ter bem definida a sua conceituação, sendo a delimitação do sentido, rigorosa e precisa, pois leva em conta os elementos integrantes essenciais.

SANTO TOMÁS DE AQUINO conceitua a individualidade ou melhor, a individualização, como "aquilo que faz que uma coisa, tendo a mesma natureza que outra, se diferencie dela, dentro de uma mesma espécie e de um mesmo género".

A individualidade é, pois, aquilo que diferencia os sêres, de mesma natureza. Assim, António e Pedro são seres de mesma natureza, mas têm individualidade diferente.

Essa individualidade é um atributo importante do ser, pois é a condição mesma da sua existência.

Empregando uma linguagem mais precisa, diremos que a individualidade caracteriza todos os seres do mundo situando-os em nível mais ou menos elevado, mas incluindo-os, *ipso-facto,* no rol dos seres contingentes, pois, a individualidade é precisamente a negação da plenitude.

A compreensão mais adequada desse conceito, depende, contudo, dum suficiente conhecimento da famosa e extraordinária doutrina aristotélico-tomista, da matéria e da forma.

"Há no homem, afirma a filosofia, como nos demais seres materiais, dois princípios ontológicos, ou

constitutivos metafísicos do ser, um determinante ativo, centro da atuação substancial, que é a forma substancial, chamada alma nos seres vivos; e há um segundo princípio, determinável, passivo, sede de atuação do primeiro, denominada matéria-prima".

Esses dois co-princípios ontológicos de todo ser material são respectivamente a base e o fundamento da qualidade e da quantidade, sendo que nesta, segundo AQUINATA, está a raiz de tôda diferenciação individualizada. A individualidade é, pois, o produto da matéria.

Caracterizada desse modo a individualidade, vejamos, dentro do mesmo sistema filosófico, o que seja a personalidade.

Dos seres do universo uns possuem a capacidade de subsistir, isto é, de existir com certa independência e especialmente, de atuar com liberdade. E' precisamente essa capacidade de existir independente, embora em grau relativo, já que o existir absoluto só cabe a Deus, é essa capacidade de compreender e de agir livremente que constitui a raiz da personalidade. Inteligência e vontade, compreensão e volição livre, conhecimento e apetição, eis os elementos da personalidade.

Mas, esses predicados não são próprios da matéria, embora se revelem com a matéria; são do espírito, e revelam a presença de algo imaterial no homem, situando-o tão alto acima do animal que se lhe reserva com exclusividade a atribuição de personalidade.

Metafisicamente diremos com MARITAIN que ã personalidade é "a subsistência de um espírito encarnado que comunica sua existência e subsistência ao corpo que anima".

A raiz da personalidade está, por consequência, no espírito, na alma espiritual.

Por isso seria absurdo falar em personalidade animal ou vegetal.

Compreender-se-á melhor exclusividade da aplicação desse termo ao homem, uma vez que se verifique que êle é o único dos seres individuais que se subtrai ao determinismo geral de universo. É o único ser do mundo *capaz* de r.;uerer.

4. De posse das noções não só etimológicas que, como vimos, pouco adiantam no caso, mas também essenciais ou filosóficas dos vocábulos em questão, resta-nos ainda, para completar a compreensão, examinar as decorrências lógicas neles contidas, pois, embora distintos, podem aplicar-se ambos ao homem.

De fato, o homem é indivíduo e é pessoa. E, como bem afirma SANTO TOMÁS: "A pessoa é sempre um indivíduo, mas de natureza racional".

Como indivíduo, é "um" entre os tantos seres vivos da natureza. E' "um" como os demais. E' uma certa quantidade de matéria, regida por leis físicas ou biológicas, sofrendo, por consequência, as influências de cosmos. Como pessoa, porém, é um "ser espiritual", tendo como predicados fundamentais o poder de escolha e de atuação. Por causa disso é o homem um ser

independente, sendo que o próprio Deus respeita a liberdade que lhe concedeu.

Mas êsse poder de agir livremente só pode ser entendido na linha da realização do seu ser. E a realização do seu ser ó a passagem do indivíduo à pessoa com o maior desenvolvimento que esta última comporta.

Trabalho longo, difícil, a ser realizado pela educação, obra da família, da escola, do meio social, etc...

Nascem daqui as exigências morais perfeitamente cabíveis, pois o homem é inteligente para conhecer e é livre de realizar o que se faz necessário ao seu fim.

Todavia, como não podia deixar de acontecer, pode o desenvolvimento humano dar-se na linha da individualidade ou na linha da matéria, resultando daí o homem material, o homem egoísta, dado às coisas da terra; e pode dar-se o desenvolvimento (o que deveria verificar-se sempre) na linha da personalidade ou na linha do espírito, nas mil e uma manifestações do espírito, resultando daí o homem espiritual, o homem superior, ocupado e preocupado na realização dos valores permanentes da vida.

Êsse aspecto tão importante do ser humano foi tratado com maestria por MARITAIN: "O homem não será verdadeiramente pessoa senão na medida em que seu agir ético traduza em ação a realidade metafísica do espírito". (Reflexões sobre a pessoa humana e a Filosofia da Cultura). E GARRIGOU-LAGRANGE continua: "Não será verdadeiramente pessoa senão na me-

dida em que a vida da razão e da liberdade domine nêle a dos sentidos e das paixões. Sem isto será como o animal, um simples indivíduo, escravo dominado incapaz de dirigir-se a si mesmo". (O sentido comum e a Filosofia do Ser).

Empregando uma linguagem destituída de metáforas, diremos que a individualidade é no homem o produto da matéria e a personalidade é o fruto do espírito.

GARRIGOU-LAGRANGE, na obra supracitada, analisa com grande argúcia os dois aspectos do problema. Também GRABRIEL MARCEL, no "L'être et l'avoir", assinala a dupla possibilidade de o homem se ocupar da matéria ou do espírito, tirando com acerto as ilações correspondentes.

Percebe-se que importa realizar a pessoa plenamente sem destruir o indivíduo que, aliás, lhe serve de base.

5. Mas, se a personalidade representa no homem o seu lado nobre, o lado positivo, não devemos pensar que a cultura do espírito e a retidão do proceder, sejam as formas práticas suficientes de realizá-la plenamente e conduzi-la ao ápice do seu desenvolvimento. De fato, assim como os exageros materiais produzem no homem os defeitos condenáveis do egoísmo e da mesquinhez, assim a simples cultura do espírito, da inteligência e da vontade podem produzir o orgulho e a prepotência.

Por paradoxal que pareça, a personalidade, que é espírito, não se realizará tendo apenas em vista o pró-

prio desenvolvimento, mas se realizará tanto melhor quanto mais se assemelhar ao grande Espírito, de que é pálida imagem, o qual é, por natureza, não apenas conhecimento, mas, amor e doação.

Quanto maior a personalidade, maior o espírito de compreensão, maior o espírito de atuação benéfica.

É por êsse motivo que, mesmo o homem do povo, reconhecerá como personalidades, aqueles dirigentes, aqueles homens de negócios, etc., que à cultura do espírito e à retidão do caráter juntam a bondade do coração.

6. Seríamos, todavia, tremendamente incompletos se ao cotejar os conceitos de indivíduo e pessoa e os derivados de individualidade e personalidade, permanecêssemos apenas no plano natural e só fizéssemos menção das qualidades humanas da personalidade e da atividade espiritual e moral que o homem é *capaz* de produzir, silenciando sobre o dinamismo da graça na cultura e aperfeiçoamento da personalidade. Ora é justamente aqui, no campo da graça, no plano sobrenatural, que as almas encontram a grande fonte alimentar mesmo, que está a razão de ser da personalidade.

E' na graça divina, diríamos melhor, é em Deus mesmo que está a razão de ser da personalidade. O centro da personalidade não está no homem, embora haja quem assim o afirme, caindo no antropomorfismo; o centro está em Deus, em quem encontra seu apoio e desenvolvimento.

A graça divina atuando misticamente na alma, eleva-a do plano natural ao sobrenatural e lhe instila

o germe da bem-aventurança, cujos reflexos já se sntrevêem neste mundo pelo domínio dos impulsos inferiores, pela serenidade no enfrentar a vida, pelo equilíbrio das atitudes e, sobretudo, pela ação caritativa e benfazeja. "Deus é caridade", diz S. João.

Pela caridade os homens se assemelharão a Êle. E, como a caridade e o amor em Deus não têm limites, não devem, igualmente, ter limite nos homens que pretendem "realizar" plenamente sua personalidade.

Quanto mais o espírito domina a matéria, quanto mais a graça domina o espírito, tanto melhor a personalidade atingirá a sua plena floração.

7. Interessante seria, à luz destes princípios, abordar o alcance dos conceitos de indivíduo e pessoa no campo pedagógico, social, político e económico, etc.. •

Êsse estudo, porém, levaria demasiado longe estas considerações.

O certo é que a educação é a passagem da individualidade à personalidade; que a sociedade é a soma dos indivíduos que a integram, estando, porém, a pessoa acima da sociedade; que o Estado pode mandar nos indivíduos, mas deve respeitar a pessoa; que, os bens do mundo (e o próprio mundo) são superiores ao indivíduo, mas uma só pessoa ultrapassa em valor todo o mundo material.

A pessoa é, pois, o que há de grande nesta terra. "Por isso, afirma GUERREIRO RAMOS, a pessoa é uma realidade aonde estão, em monobloco, inseparáveis um do outro, o divino e o humano. E' a pessoa que faz

de cada homem um ser único e inconfundível, um alguém". (Introdução à cultura).

Quando a sociedade respeita *e* cultiva a pessoa, se engrandece a si mesma e eleva consigo o mundo. Quando a despreza ou a esquece e se preocupa só com o indivíduo, então, apesar dos aparatos exteriores e grandiloqúentes da civilização, a sociedade humana se amesquinha, se envilece, se brutifica, desviando-se do seu verdadeiro destino.

VERDADE CIENTÍFICA E VERDADE RELIGIOSA

LONGE de mim nas linhas que se seguem, evocar as discussões superadas que encheram revistas e periódicos no século passado e no princípio deste em torno da questão entre ciência e religião. E' meu propósito, muito pelo contrário, examinar à luz de um critério sereno e objetivo, as analogias e as diferenças entre os dois tipos de verdade, e deste confronto, concluir que ambas têm seu lugar ao sol, e, mais ainda, que a segunda é complemento da primeira, movendo-se, porém, cada qual, num plano diferente.

Parece, à primeira vista, que o tema gira em torno da primazia a ser dada ao conhecimento pela fé ou ao conhecimento pela razão. E, de fato, através dos séculos, estas duas posições tiveram seus defensores, destacando-se os fideístas no 1.º grupo e os racionalistas no segundo. Nos séculos passados, as discussões giravam entre conhecimento filosófico e conhecimento teológico; e, nos últimos, entre conhecimento científico e a fé cristã.

2. Não são de hoje na história do pensamento as confusões ou atritos entre as verdades do plano sobrenatural ou verdades de fé. Já em sua época, o grande

bispo de Hipona, S. AGOSTINHO, pressentiu a dificuldade e o seu famoso "Intellige ut Credas" e o "Crede ut Intelligas", representam a resposta ao problema.

Mais tarde, S. ANSELMO, também, com o "Credo ut Intelligam" entendeu estabelecer uma posição de harmonia e equilíbrio entre ambos os tipos de verdades.

Com o filósofo árabe Averroes se introduziu a estranha doutrina da "Dupla Verdade" difundida no mundo latino por SIGER DE BRABANTE. Segundo ela, uma proposição podia ser verdadeira no plano teológico e falsa no filosófico e vice-versa: ou dito melhormente, duas proposições contraditórias podiam ser simultaneamente verdadeiras, uma para a razão *e* outra para a fé.

É a SANTO TOMÁS DE AQUINO que coube o estabelecer uma linha demarcatória muito nítida entre os dois campos, de tal modo que, após êle, o problema nos planos filosófico-teológicos praticamente deixou de existir. E se mais tarde reapareceu, foi no campo científico-teológico. Vejamos a explicação tomista.

3. SANTO TOMÁS, dotado de qualidades extraordinárias para distinguir, estabeleceu as lindes definitivas entre o saber da razão e o saber da fé. Segundo êle, distinguem-se estas formas de saber na origem, no método e no objetivo que tem em vista.

São dois campos distintos de conhecimento, um a se desenvolver na esfera do demonstrável e outro na esfera do indemonstrável.

O conhecimento filosófico ou racional tem sua origem nos dados dos sentidos e nas especulações da

razão. E aqui vale o lema escolástico: "nihil est in intellectu quos prius non fuerit in sensu". Há, por consequência, uma como que captação do conhecimento pela intuição sensível ou racional. A realidade existente na sua extensão total é o objeto desse conhecimento.

Estabelecida a origem do conhecimento, segue, naturalmente, a comprovação da sua veracidade. E aqui o critério de verificação é o da evidência. A verdade, apreendida pelos sentidos ou pela razão, se apresenta com caráter evidente, e *ipso-facto*, impõe-se com caráter de necessidade, não podendo ser recusada. A recusa sistemática da verdade evidente seria uma demonstração de instabilidade ou anormalidade psicológica.

Os sentidos, como a razão, se inclinam ante a evidência e tanto isto é verdade que até o homem do povo afirma que contra a evidência não há argumentos.

À evidência, obtida diretamente ou por demonstração, a evidência intrínseca ou extrínseca, não pode a *razão* recusar sua adesão plena e total. Mas, continua SANTO TOMAS, o saber demonstrável tem um alcance natural e um fim limitado. O seu objeto se reduz à realidade tangível, podendo extrapolar para o campo imaterial e espiritual com os recursos da analogia. São as afirmações daí resultantes que constituem o acervo das verdades naturais, filosóficas ou racionais.

A imensa seara da filosofia e da ciência positiva se foi constituindo através dos tempos, representado no seu conjunto um grande património cultural para a humanidade.

E qual o fim de todo êste esforço dos sentidos e da razão?

O fim é a satisfação tão plena quanto possível de uma tendência inata qual seja a de conhecer. O objeto da inteligência sendo o conhecimento da verdade, todo esforço realizado no sentido do conhecer, representa um atendimento dessa tendência específica do homem. Essa curiosidade, que é inata, aumenta à medida que é atendida, o que explica a insatisfação do cientista ou do filósofo em face das poucas verdades que consegue descobrir e assimilar e das muitas que lhe continuam estranhas e desconhecidas.

Examinemos agora, de modo semelhante, a origem, o método e o fim do conhecimento pela fé. As verdades teológicas não são apreendidas por nenhuma das fontes naturais do conhecer, ou seja, pelos sentidos ou pela razão. Elas se apresentam veladas, misteriosamente ocultas, e são apreendidas por uma iluminação superior que é um dom gratuito de Deus.

E' o mistério da graça, do chamado de Deus.

Atrás dessa ocultação está o mistério, denso, rico, infinito, mas plenamente luminoso para quem possui a fé. A grandeza do conhecimento pela fé contrasta, exatamente, com a pequenez do conhecimento pela razão. A primeira se aprofunda na imensidade do mistério e frui, já nesta vida, o descanso da verdade; enquanto que a segunda, embora assentando sobre proposições racionais, vacila ante as novas descobertas e necessita acomodar-se cada vez às novas situações.

Se a diferença é total na origem dos dois conhecimentos, acentua-se essa diferença no processo de comprovação. De fato, o conhecimento racional impõe-se quando evidente, isto é, quando demonstrado. O conhecimento pela fé, porém, não traduz a evidência, traduz o mistério.

A razão evidenciai é substituída pela revelação divina. A palavra de Deus tem, para a fé, um valor superior a todo o argumento racional humano.

Em linguagem rigorosa diríamos que a evidência intrínseca da verdade racional é substituída, na verdade de fé, pela evidência extrínseca.

Acresce, todavia, assinalar desde logo que a não evidência das verdades da fé não significa ininteligibilidade, nem contradição e menos ainda absurdo.

Êsse conhecimento, porém, pela adesão plena da inteligência à verdade revelada, representa uma forma de saber muito superior ao simples estado de opinião ao qual o espírito se inclina, por razões várias, mas ao qual não adere plenamente.

Outro aspecto do conhecimento pela fé é que em virtude da não compreensão de certas verdades pela inteligência (caso dos dogmas), a adesão da inteligência é feita mediante a colaboração da vontade. A adesão da inteligência à verdade racional demonstrada ó um ato de necessidade lógica, ao passo que a adesão à verdade no ato da fé, é um ato de liberdade plena. Sob o ponto-de-vista religioso, nisto está precisamente o fundamento do mérito da fé.

Finalmente o conhecimento resultante da fé tem um fim extraterreno. Não visa a realidade natural, a realidade do universo e tudo quanto a êle se refere. Visa a realidade supra-sensível, a realidade transcendente. O objeto da fé é Deus e tudo quanto está com êle correlacionado.

Há, pois, distinção completa nos dois processos de conhecimento. Quanto mais são comparados mais ressalta essa distinção, situando-se o conhecimento da fé num plano todo especial.

4. Não será demais que, após a comparação supra, demos de cada forma de conhecimento um conceito sintético, de modo a apreender melhor ainda o alcance de cada um.

Assim, "o conhecimento racional é a adesão plena da inteligência humana a uma verdade evidente ou demonstrada".

E "o conhecimento pela fé é adesão plena do entendimento às verdades reveladas, em virtude de um ato da vontade livre do homem, movida pelo impulso superior da graça divina".

No ato de fé há uma simbiose entre a inteligência e a vontade.

O conhecimento racional é, por essência, resultado das operações intelectuais humanas. Todo homem normal que cultive as faculdades intelectuais realiza o conhecimento racional autêntico.

O conhecimento pela fé, pelo contrário, é um conhecimento doado gratuitamente aos homens, podendo

êstes, com o auxílio das luzes naturais do entendimento, ampliá-lo, enriquecê-lo e harmonizá-lo. Na sua origem, porém, é sempre um dom da graça divina, gratuitamente concedido.

E' interessante ressaltar o aspecto de liberdade que se registra no ato de fé. Se o conhecimento racional se impõe necessariamente à inteligência, forçando-a a curvar-se ante a evidência, o conhecimento pela fé implica um ato voluntário. uma decisão autenticamente livre. Em consequência de ser um ato deliberado, torna-se digno de mérito.

Não há merecimento algum em dar adesão a uma verdade clara, evidente por si mesma ou logicamente demonstrada; mas, fazê-lo com referência a verdades superiores à razão, isso implica um ato pessoal plenamente livre e conseqüentemente digno de recompensa.

As palavras evangélicas não têm outra interpretação. "Quem crer e fôr batizado será salvo; quem não crer será condenado". Marc. XVI, 16).

E' a fé um ato de inteligência e um ato de vontade.

5. Mais longe poderíamos levar estas considerações. Basta-nos, porém, lembrar ama vez mais que ambas as formas de aquisição de conhecimento supra-referidas, representam modalidades próprias distintas, independentes, a rigor, uma de outra, podendo, todavia, entrosar-se.

A verdade científica é a iluminação natural acerca das coisas no horizonte da temporalidade; a verdade

religiosa é também uma iluminação, mas sobrenatural, relativa às coisas numa perspectiva de eternidade.

Os que procuram a primeira sao os cientistas; os que demandam a segunda são os crentes; os que procuram as duas e regulam a vida pelas diretivas que delas dimanam são os sábios, os verdadeiros sábios no sentido da Escritura, pois encarnam o problema do conhecer na sua totalidade e lhe dão uma solução plena e total.

E não é demais falar em diretivas, pois, é certo que, se na expressão feliz dos escolásticos, "agere sequitur esse", também podemos afirmar que "agere sequitur cognoscere", isto é, ao conhecimento segue-se o agir.

SER E PARECER

OS pensadores de todos os tempos demoraram-se em examinar o conteúdo desses vocábulos, sendo considerado o primeiro, o ser, como o objeto fundamental da filosofia e o segundo, o parecer, como uma interpretação superficial exterior do primeiro, uma interpretação mal feita, mal ajustada e, a rigor, inadequada.

Os filósofos começam por constatar a existência do ser, sua realidade, sua permanência e a capacidade do homem em conhecê-lo. E' na realização desse trabalho cognoscitivo, que às vezes o ser, mal apreendido em seu conteúdo ontológico, em vez de revelar o ser conduz a um simples parecer.

Das questões fundamentais em torno do ser, como da existência, do conhecimento e do valor, interessa no caso, apenas o segundo; e ainda não sob o ponto-de-vista de uma gnoseologia filosófica, mas, no que se refere à multímoda impropriedade de caracterizá-lo, consequência de uma visualização míope e bastarda da realidade.

Não é, por consequência, o exame do problema gnoseológico que aqui vamos empreender: tentamos apenas emitir umas breves considerações sobre esta

matéria situando-nos num plano mais prático que teórico.

E' evidente que o exame de um aspecto do problema do ser nunca pode vir totalmente desligado dos demais aspectos, pois o pensamento, apesar da abstração, não destrói, não reduz e não amesquinha a realidade do ser. Como posições possíveis em face do ser e da sua apreensão cognoscitiva inadequada por parte do homem, aparece primeiramente a ignorância, não como total desconhecimento do ser mas como conhecimento inadequado. Aparece ainda a dúvida, como resultado do conhecimento de aspectos da realidade, mas com incapacidade de caracterizá-la. E, finalmente, figura o esquecimento, como resultado de uma espécie de extravasão do campo da consciência, de algo já por ela reconhecido e assinalado.

Vê-se, como acentua ZARAGUETA, que no tratamento deste problema, nosso espírito ora atua com "limitação", ora com "anomalia", isto é, ora apreende menos do que deve, ora assimila o que existe na realidade de modo erróneo e inadequado.

E' importante assinalar que os resultados supra-referidos são, em muitos casos, a consequência não só de uma incompleta auscultação do ser mas sobretudo, da utilização de um método impróprio.

Não é, porém, êste aspecto do problema que desejamos preferentemente focalizar neste artigo e sim o seu aspecto prático ou as inferências que implicam na vida humana individual e social.

2. Os tratados de metafísica quando abordam o estudo do ser começam por defini-lo designando o ser enquanto ser, como aquilo que tem capacidade para existir. Conseqüentemente o ser pode se apresentar como possível e como atual. E' evidente que nestas linhas só nos interessa o ser atual, o ser realizado.

Em oposição ao ser, está o parecer, isto é, uma apreciação apressada da realidade, u'a maneira inadequada de representar no espírito essa mesma realidade, representação que não corresponde a ela, não nos diz exatamente o que ela é, fornecendo-nos apenas uma aparência do ser, da coisa ou da realidade.

Se o ser tem notas essenciais que o caracterizam, que o definem e o configuram eliminando a menor sombra de dúvida ou confusão, o parecer é a apreensão superficial do ser, uma visão perinoética do mesmo, demorando-se mais naquilo que é apenas acidental ou passageiro e fornecendo da realidade não o conteúdo ontológico profundo, mas apenas a carcaça exterior ou aparente.

Ser e essência, parecer e aparência: os dois pares de vocábulos surgem com delimitação definida, deixando o espírito esclarecido e livre de quaisquer vacilações.

3. Fixados os contornos gerais do conteúdo dos vocábulos que encimam estas linhas, vamos deixar as lindes da filosofia, vamos penetrar no campo da vida cotidiana e constataremos nela facilmente os maléficos efeitos da apreciação insatisfatória da realidade. Verificaremos que em inúmeras circunstâncias da vida indi-

vidual e social existe a prevalência dó parecer em face do ser, o que, se de um lado assinala a fraqueza e a pobreza cognoscitivas do homem, de outro, mostra que ainda domina na massa da humanidade o conhecimento empírico, incompleto e assistemático. Mas não é só um problema de conhecimento. E' também um problema de apreciação, de valorização, um problema de valor, um problema axiológico.

Grande parte da humanidade toma as coisas não "como são" mas como "parecem ser" e dão-lhe valor mais pela "aparência" que pela "essência".

Alguns exemplos colhidos a esmo, no campo do sentir, do pensar e do agir, isto é, tomados da totalidade das manifestações humanas, não só esclarecerão o tema como o completarão. Assim, no campo artístico, literário, estético, inúmeras vezes prevalecem as aparências, sendo as apreciações voltadas quase sempre para o exterior, o atraente, o bonito superficial, para a forma, enfim, postergando-se ou sendo esquecidas as razões profundas ou essenciais da beleza e da estesia.

No campo do pensamento, é comum a preferência, na classe popular, pelas belas palavras, pelo fraseado colorido, pelos chavões sonoros, impressionando muito mais a policromia dos sons e das vozes que o conteúdo do pensamento e o pêso da verdade.

No campo das atitudes exteriores mais ainda prevalece o parecer em face do ser. O que mais importa é parecer, o que mais interessa é representar bem o papel social, aparentando sabedoria, exibindo cultura,

ostentando posses ou riqueza, mostrando, enfim, superioridade nisto ou naquilo, ou pelo menos, igualdade de situação com os demais.

E no que tange à correspondência entre as atitudes exteriores e a realidade interior do ser, mais ainda predomina a perspectiva da prevalência do parecer em face do ser. De fato, quanto sorriso traiçoeiro, quanto galanteio diabólico, quantas mesuras farisaicas nas relações humanas.

Infelizmente a realidade social está impregnada de usos, costumes e etiquetas aparentes.

Sua descrição torna-se sumamente complexa, havendo mesmo real perigo de, pela força das impressões, registrar a aparência pela realidade.

Em muitos ambientes o principal não é ser, o principal é parecer. Importa parecer. O resto não interessa. E êsse fenómeno, que radica já na família, se avoluma nos meios sociais, mais ainda nos meios políticos, nacionais e mesmo internacionais. O essencial é aparentar força, poderio, superioridade, grandeza. A realidade, às vezes bem diversa, não interessa.

4. Como essa linguagem e atitude contrastam com a linguagem e atitude puras, simples e reais do Evangelho no qual o Divino Mestre declara: "Dizei sim, sim; ou, não, não; tudo o mais é mentira e engano".

Maravilhoso seria o mundo se tudo fosse tomado como é e se os homens ligassem às atitudes externas, atitudes internas correspondentes.

Se a palavra tivesse sempre o significado próprio e não pudesse envolver a infinita gama de equívocos, subterfúgios e reticências. Se as atitudes externas revelassem os reais sentimentos internos; se a sinceridade no sentir, pensar e agir fosse o ornamento precioso do convívio social, como seriam diferentes as relações humanas, como seria mais alegre, mais agradável e mais feliz o contato entre os homens.

O importante, porém, não é apenas ser o que se é, mas ser o que se deve ser. E aqui está, talvez, a chave de todo o enigma do problema.

Como o homem não consegue ser o que êle deve ser porque isto implica esforço e trabalho, restrições e sacrifícios, então procura parecer o que não é, iludindo-se a si mesmo, e pensando que ilude também aos demais.

Essa ilusão, porém, não dura muito tempo. Dura quanto muito a vida terrestre. Depois, a realidade saltará aos olhos de todos com força e veemência totais, desmanchando-se, desfazendo-se todos os sonhos e fantasias.

Não será mais prudente procurar ser desde agora o que se deve ser, polindo os contornos, ofuscando as extravagâncias, proporcionando o agir ao pensar e êste ao que deve ser?

Não será melhor organizar desde logo um sistema de vida dentro dos moldes perfeitos deixados aos homens pelo Mestre dos mestres, nas páginas luminosas do Evangelho?

Se importa ser e não parecer, é preciso "ser de verdade" e não apenas parecer, pois cedo ou tarde a verdade brilhará fulgurante e a realidade aparecerá na sua totalidade.

VOCAÇÃO E PROFISSÃO

PALAVRAS muito repetivas em nossos dias, especialmente no setor educacional, as expressões vocação e profissão nem sempre são compreendidas em seu alcance total.

As dificuldades surgem em particular em torno da palavra vocação, e menos com referência ao termo profissão. Ambas, porém, envolvem algo de oculto, de profundo, de misterioso.

E, como todos os homens são chamados a uma vocação (de *vocatio* — apelo, chamamento) e todos devem escolher uma profissão ("Ganharás o teu pão ao suor de teu rosto" — Génesis) compreende-se de imediato o alcance deste estudo, pois, envolve tôda a humanidade.

E' certo que se quisermos buscar em sua fonte a explicação da vocação, devemos remontar ao pensamento criador divino, não sendo a vocação mais que a expressão da vontade de Deus manifestada por tendências ou inclinações mais ou menos explícitas.

Por outro lado, se quisermos caracterizar a profissão, podemos desde logo afirmar que ela consiste em

atividades manuais ou intelectuais, visando o domínio da natureza e a consecução do necessário para viver.

Vocação implica também resposta. E, como só o homem, entre os seres da natureza, é *capaz* de dar essa resposta, pois, somente êle é racional e livre, só à espécie humana caberá aplicar o termo vocação.

O homem é chamado por uma força interior a ser algo e a seguir uma tendência especial. Se êle responde afirmativamente ou se corresponde ao chamamento, aos poucos, ao longo dos anos, vai atualizar-se, vai plenificar-se, vai desenvolver todas as potencialidades nêle inseminadas. E' a vocação realizada.

O mesmo não se dará com a profissão. Sendo esta uma atividade puramente exterior, pode variar para um mesmo indivíduo.

De fato, dotado que é o homem de inteligência e sendo esta um instrumento universal, pode êle entregar-se vitoriosamente a variadas profissões ou a profissões sucessivas.

Se a vocação é uma só, porque é a resposta a um chamamento superior ou interior, a profissão pode multiplicar-se porque não passa de aquisição de técnicas ou habilidades sempre possíveis a indivíduos portadores de inteligência.

2. Estabelecidos os delineamentos fundamentais do que sejam vocação e profissão, tentaremos aprofundar o exame de cada uma, buscando uma explicação mais ampla e completa.

Analisaremos em primeiro lugar o termo vocação.

Abordando êste problema diz ORTEGA Y GASSET: "El acto de dedicar su vida a algo es grave assunto y privilegio exclusivo del hombre; la planta, la piedra, el animal, quando comienzan a ser ya son lo que van a ser. El hombre quando comienza a existir no trae prefixado lo que va a hacer, solo le queda la forzosa libertad de eligir en un horizonte de posibilidades".

Realmente a vocação só existe para o homem e não para os demais seres da natureza. Mas, o pensamento do ilustre escritor basco não está muito claro na parte final. De fato, se é verdade que ninguém ao nascer traz prefixado o que vai realizar na vida, não é menos certo, que as tendências e as inclinações conduzem o homem facilmente para um determinado rumo, embora "la forzosa libertad de eligir" lhe possibilite a escolha de um caminho diferente. Todavia, a escolha voluntária de um "caminho diferente" trará ao indivíduo uma série de contrariedades que são como que a represália da natureza, a penalidade correspondente à má observação e à má escolha do mundo a seguir.

Depreende-se desta observação a importância do conhecimento por parte de cada indivíduo, das próprias tendências, no sentido amplo da expressão, a fim de que, conhecidas, as possa seguir e, consequentemente, realizar sua vocação.

Aparece aqui o papel da família, da escola, e do meio social como colaboradores no desabrochar e no amadurecer da vocação de cada indivíduo, dado que o pleno exercício de tudo quanto ela implica, exige sempre a colaboração social.

A vocação traz consigo a predisposição para intuir determinados valores e a potencialidade para realizá-los; todavia, se o ambiente familiar e escolar ou se o meio social não favorecendo o pleno desabrochar dessa predisposição ou se, pelo contrário, arrastam a vocação nascente para terreno oposto, determinam-lhe a frustração com tôda a sequela de funestas consequências que naturalmente a acompanharão.

É por êste motivo que, no início, afirmávamos ser a palavra vocação muito empregada nas lides educacionais, pois é em realidade durante os anos da escola primária e secundária que ela se manifesta ao observador atento e perspicaz, possibilitando-lhe a ajuda e o auxílio para a sua plena realização.

Em verdade, embora nas escolas se fale mais em orientação educacional do que em vocacional, na realidade por ela se entende um procedimento sistematizado por meio do qual o jovem é assistido durante o processo educativo para a consecução de um desabrochar pleno e harmonioso de sua personalidade.

Ora, êste desabrochar da personalidade em forma plena e harmoniosa é o embasamento necessário à eclosão e frutificação das tendências vocacionais.

3. Vejamos a seguir o problema da profissão. Muito propositadamente falamos em problema da profissão, pois se no passado a estrutura social e econômica do mundo delimitava as possibilidades profissionais, simplificando, consequentemente, sua escolha, hoje, a crescente complexidade econômica social gerada pelo progresso em todos os setores da atividade humana,

criou novas necessidades, impôs novas exigências, aumentando "pari passu" a dificuldade na escolha da profissão que venha corresponder à capacidade própria de cada indivíduo.

Se concebemos a profissão como a atividade humana com que cada indivíduo participa da vida social e o instrumento pelo qual obtém os recursos necessários ao seu sustento, então perceberemos de imediato que essa atividade pode estar ou não ajustada ao tipo de personalidade de cada um.

É êsse o motivo pelo qual a orientação profissional pretende, não apenas, ajustar cada indivíduo a uma profissão, mas e especialmente, levar cada um a escolher dentre a variedade de profissões aquela que mais corresponda às características pessoais, tendo em vista o êxito profissional e a consequente satisfação pessoal.

Salta aos olhos do leitor a dificuldade de conseguir para cada indivíduo aquela profissão que mais lhe convém. Esse fato, todavia, não invalida o trabalho que em todos os países se tenta fazer no sentido da orientação profissional.

A profissão é, pois, a atividade manual ou intelectual que cada indivíduo escolhe e realiza, influenciado ou não por injunções circunstanciais e por meio da qual faz sua contribuição econômico-social, dela usufruindo os recursos necessários à própria manutenção e subsistência.

4. Destas considerações depreende-se que, na linguagem maritainiana, a vocação se refere mais à pessoa,

ao passo que a profissão se relaciona, de preferência, com o indivíduo.

A primeira se entrelaça com o próprio destino do homem e tem alcance extraterreno; a segunda, visa apenas a expansão e a manutenção temporal.

A vocação é uma só para cada pessoa; as profissões podem ser muitas, embora uma seja a mais indicada.

A vocação é uma orientação total do ser humano; a profissão, um movimento parcial, com possibilidade de variação.

Por isso, podemos afirmar que o móvel da vocação é a felicidade; ao passo que o móvel da profissão, o pão-de-cada-dia.

5. O exame conjunto destes conceitos — vocação e profissão - - mostram ao vivo que a solução verdadeira para cada homem é a escolha de uma profissão adequada dentro da vocação definida.

De fato, sendo a vocação algo de superior, de estável e permanente, o conhecimento e o seguimento da mesma, devem representar a primeira preocupação do homem.

Só depois de resolvido êste primeiro problema, poderá êle com descanso e tranquilidade ocupar-se com a profissão a qual, se mal escolhida, pode ser abandonada e procurada outra.

Infelizmente, muitas vezes em nossos dias, as imperiosas exigências da manutenção *fazem* com que a profissão, que é secundária, passe a primeiro plano. Destarte, para muitas famílias, o essencial é assegurar

o ganha-pão diário, passando a vida familiar a plano secundário, quando ela deveria ocupar o centro das atenções do lar.

E' êste fato que leva inúmeras pessoas a confundir vocação com profissão. Falam em vocação para a Medicina, para a vida militar, etc., embora se trate meramente de profissões.

Pode acontecer que um indivíduo se identifique com a profissão que escolheu por gostar dela, por dedicar-se inteiramente a ela e por adquirir todas as qualidades para o seu perfeito exercício. Neste caso. torna-se a profissão como que uma vocação, assim como no plano do ser, os hábitos se tornam uma como que segunda natureza.

E quanto mais vocação e profissão se aproximam, se fundem. se unificam, mais o homem se torna tranquilo e feliz.

Na maioria dos casos, não é atingido êsse objetivo. Vocação e profissão se distinguem. Àquela se liga o homem em geral por laços estáveis. A essa se prende com mais ou menos intensidade, podendo sempre escolher de nôvo na variada gama das possibilidades profissionais.

Cabe. então, à família, à escola e às instituições especializadas colaborar com os jovens para que, dentro do "estado de vida" assentado, sigam a "profissão" mais ajustada, de modo que, no dizer de MIRA Y LOPEZ, "cada indivíduo se dedique ao trabalho profissional no qual com menor esforço possa obter maior rendimento, proveito e satisfação para si próprio e para a sociedade".

6. Não poderíamos concluir estas considerações sem mencionar os três estados vocacionais: a vocação sacerdotal ou religiosa, a vocação matrimcnial e a vocação celibatária, embora não seja nosso propósito abordar nenhuma em particular.

Não poderíamos, igualmente, deixar de assinalar que, antes de tudo, a vocação de cada ser humano é a vocação de homem.

E não é demais lembrar essa acaciana verdade, pois, se o homem está situado na escala mais elevada dos seres corpóreos, está também na escala mais baixa dos seres espirituais e, embora deva o espírito dominar e dirigir o composto humano, sucede muitas vezes dominar aquele, nivelando-se o homem com os irracionais.

Foi pensando nisso que PASCAL em angustiosa advertência insistiu: "Viva pelo menos como homem quem não tem coragem de viver como cristão".

De fato, grande parte da humanidade segue preferentemente a vida dos sentidos e se limita às banalidades do ramerrão cotidiano. Não brilha neles a chama do espírito. Não os preocupa as exigências da beleza e da verdade. Banalizam-se como as coisas às quais se misturam, perdendo a dignidade de criaturas de Deus.

Antes da "vocação própria de cada um", há por consequência uma "vocação genérica", que não pode ser esquecida. Realizadas estas, a "profissão" torna-se mero entretenimento secundário, variável e de alcance puramente temporal.

AS DUAS CIDADES

QUEM teve a oportunidade de ler "A Cidade de Deus", de SANTO AGOSTINHO ou "A Cidade Antiga", de FUSTEL DE COULANGES, compreenderá facilmente o problema que desejamos focalizar nas linhas abaixo.

Também BERDIAEFF, em "A Idade Média", aborda o tema sempre atual das duas possíveis moradas do homem: a cidade de Deus e a cidade dos Homens.

De fato, sendo o homem espírito e matéria, pode preocupar-se intensamente com a vida espiritual e com as implicações daí decorrentes, realizando, então, a cidade de Deus; ou pode dar preferência à matéria, supervalorizá-la, atribuir-lhe importância excepcional, ou ainda considerá-la como a única existente e então construirá a cidade dos Homens. São duas orientações, duas mentalidades *e*, conseqüentemente, duas posições diametralmente opostas.

Sem defini-las, já estão bem caracterizadas as duas cidades.

2. A História da Humanidade, ou diretamente ou nas entrelinhas, não faz mais que registrar fatos e formular comentários em torno das atividades do homem, num ou noutro dos planos supra-indicados.

Já no Antigo Testamento o mundo se divide em dois setores; um de Israel, que conhece e adora o verdadeiro Deus, lhe guarda a mensagem e procura traduzi-la na vida de cada dia considerando o viver temporal como preparação da eternidade; outro, o resto do mundo, entregue à idolatria desenfreada, tendo da Divindade um conceito material e limitado e procurando organizar e estruturar a sociedade em bases puramente temporais.

São as duas cidades. Acresce ainda, que o povo escolhido, vezes sem conta, deixou-se invadir pelas teorias e sistemas de vida pagã, o que provocou por parte de Javé o envio de profetas para restabelecer a pureza da doutrina, ou o abandono do povo eleito a nações estrangeiras que se apoderaram da terra prometida e fizeram de Israel uma simples e explorada colônia.

Milénios decorreram até a plenitude dos tempos, até o Grande Acontecimento que devia determinar a renovação da face da terra e o estabelecimento da verdadeira cidade de Deus, da qual a judaica não era mais que figura e símbolo. A Encarnação do Verbo é o Grande Acontecimento. O Verbo é a palavra de Deus, É a Verdade. "Eu sou a Verdade". O Verbo revelou tôda verdade.

E, como ao conhecimento segue o amor, muitos homens acorreram dos quatro quadrantes do Universo, conheceram a verdade revelada e se entregaram a ela de corpo e alma. Dos tugúrios aos palácios, dos campos às cidades, das aldeias às capitais, dos ignorantes aos ilustrados, de todo lugar e de tôda classe social, enfim,

foram surgindo aqueles que aderiram à Verdade e dela fizeram a única razão de ser de sua vida.

A Verdade vale mais do que a vida; daí a morte mesmo prematura, mesmo violenta ser recebida com alvoroço e mesmo com incontido júbilo, pois representa a adesão definitiva à Verdade e a posse da mesma para sempre.

E legiões deram a vida para a Verdade, como apóstolos e como testemunhas. E legiões engrossaram as fileiras dos sedentos da Verdade. difundindo-a pelo orbe, derramando sua luz por sobre tôda a humanidade.

O cristianismo, plenamente vivido, "é a cidade de Deus neste mundo". E' a cidade onde Deus vive, manda, impera, pelo amor. E' a cidade em que se cumpre a tríplice mensagem: "conhecer, amar e servir".

Não só de um modo natural, mas sobrenatural. Não só por vontade e inteligência própria, mas por dom e graça divina. E' Deus quem constrói essa cidade. "Nisi Dominus aedificaverit domum..." (pág. 126).

O homem pode ajudar, pode colaborar, pode aderir, pode ser o instrumento da ação divina, pois é próprio de Deus o servir-se das causas segundas para os seus fins providenciais.

O fortalecimento da cidade de Deus foi se fazendo através dos séculos. Sustentou lutas contra inúmeros inimigos externos e também internos. E, apesar de tudo, está sempre viva, sempre presente, sempre valorosa, pois os fundamentos em que repousa, descansam na palavra divina.

Ao seu lado, a cidade dos homens também progrediu. Varreram-se os quatro cantos da terra. Exploraram-se os pólos, os mares e os continentes. Penetrou-se no seio da terra. Estudaram-se os seres animados e inanimados. Formularam-se teorias para explicar a vida. Forjaram-se sistemas cosmogônicos e foram arquitetadas explicações da matéria.

Estudada *a* Natureza, o homem aqui ou ali a transformou, derrubando montes, abrindo canais, perfurando poços, combinando elementos, tornando-se realmente, causa segunda de muitas realidades.

Todo êsse esforço para conhecer e dominar a natureza, é um aspecto da tendência inata do homem para a estabilidade, para a certeza e para a verdade.

Todavia, enquanto permanece apenas na natureza, enquanto não vai além daquilo que os olhos revelam, enquanto trata as coisas apenas como realidades em si, sem motivação transcendente, o homem não está mais que construindo a cidade dos homens, aparentemente bela, rica, harmoniosa, mas terrivelmente instável e precária.

A cidade de Deus, pelo contrário, é interior, é espiritual, é sobrenatural, embora tenha manifestações exteriores e visíveis: "O meu reino não é deste mundo..."

A cidade dos homens é exterior, é material, é terrena, é tôda produto do esforço humano e tem por fim servir ao homem. "Tudo isso te darei..."

Na primeira, há um espírito, há um princípio que move todos os atos: o amor, a caridade.

Na segunda, os interesses, nos mais variados aspectos e em todos os graus, representam o móvel habitual das ações humanas.

Ambas pretendem construir-se sobre a verdade; mas, divergem profundamente, pois na primeira, a verdade é permanente e eterna; enquanto que, na segunda, quando existe, é variável e passageira.

3. Todos os movimentos históricos, no plano literário, filosófico, científico e mais modernamente, político e económico, são ações ou reações de uma cidade sobre a outra.

E o que se dá no plano coletivo se verifica também no plano individual. Não somente cada povo constrói a sua cidade, mas cada indivíduo também constrói a sua. SANTO AGOSTINHO, em sua imortal obra supracitada, não faz mais que retraçar sua própria vida: batizado, entrou para a cidade de Deus; vítima do orgulho e das paixões, bandeou-se para a cidade dos homens; atraído novamente pela graça divina, retorna a Deus para não mais abandoná-lo. "Fizeste-nos para vós, Senhor, e nosso coração só tem paz quando descansa em vós". Do mesmo modo cada homem é uma cidade de Deus ou uma cidade dos homens. Ou Deus, a verdade, a fé, a graça divina habitam nêle, tornando-se fermento sobrenatural de seus atos e então impera a cidade Deus; ou então a natureza, a vida física, a vida dos sentidos, a atração à terra prevalecem, determinando o predomínio da cidade dos homens.

Para a cidade de Deus os grandes valores da humanidade estão na verdade, no bem, no belo, na justiça, na caridade, no sacrifício pelo próximo; ao passo que, para a outra cidade, dominam os valores da matéria: a riqueza, a liberdade, o domínio do mundo, o gôzo dos sentidos, etc.

Diferem pois, ou melhor, opõem-se completamente.

4. Excluem-se, então, a cidade de Deus e a cidade dos homens, ou será possível viver na cidade dos homens e ao mesmo tempo também viver ou suspirar pela cidade de Deus?

"Enquanto vivem no mundo, diz PAPINI, podem os cidadãos passar de uma para outra cidade: um habitante da cidade de Deus, pode, por apostasia, passar à cidade terrena e um escravo da cidade terrestre pode trasladar-se, por conversão, à cidade de Deus. Após a morte não há mais permuta possível". (Santo Agostinho, G. PAPINI).

5. A História da Humanidade está tôda aí. Deus criou o homem racional e livre e deu-lhe a luz natural da razão para que O descubra em sua obra, reconheça o seu fim e o realize.

Dando-lhe a razão *e a* liberdade, deu-lhe um pouco de Si mesmo. E é por causa do abuso desses dois predicados extraordinários que foi possível a existência da cidade dos homens.

Di-lo claramente S. AGOSTINHO: "Dois amores fundamentaram as duas cidades: o amor de si mesmo (do homem) levado até o desprezo de Deus construiu a

cidade dos homens; e o amor de Deus, levado até o desprezo de Si mesmo, construiu a cidade de Deus".

A cidade de Deus é, pois, a cidade do amor e da caridade. Todos os homens possuídos da chama da caridade pertencem a essa cidade e se nela permanecerem até o fim da vida, "a morte será apenas a passagem desta para a melhor", pois, para êles "vita mutatur, non tollitur".

A cidade dos homens, pelo contrário, é a cidade do egoísmo e do ódio. Os homens, vítimas dessas mazelas, então na falsa estrada da felicidade e, embora aparentemente alegres e divertidos, são corroídos pelo remorso, sendo miserável o seu fim. Vivendo nas trevas, morrendo nas trevas, que podem esperar?

6. A humanidade tôda se divide entre as duas cidades. Esta concepção, aparentemente singela e elementar, tem profundo conteúdo teológico e teleológico.

Os acontecimentos que se dão na terra não passam de simples episódios de uma história pessoal de cada um de nós e cujos traços fundamentais estão na aceitação ou não de Deus e do seu amor.

Aonde Deus está, ali há vida e esta vida nãc terá fim. É a cidade de Deus já começada neste mundo.

Aonde Deus não está a vida é só aparente, o gôzo é passageiro e a felicidade, uma ilusão.

OS TRÊS BANQUETES

A HISTÓRIA registra a realização de numerosos banquetes em condições várias, alguns para comemorar fatos notáveis, outros para premiar o mérito, outros ainda para demonstração da magnificência ou da vaidade de potentados.

Quem não lembra, por exemplo, os banquetes de que fala a Bíblia, como o de Salomão, ao inaugurar o templo de Jerusalém; o de Holofernes ao cercar Betúlia; o de Baltazar após a espoliação de Jerusalém por Nabucodonosor, durante o qual apareceram as enigmáticas palavras "mane, thecel, phares"; o de Herodes, de triste memória, pois nêle o monstro mandou degolar S. João Batista.

Quem não lembra também, entre os romanos, os faustosos banquetes de Lúculo na sala de Apoio e os numerosos banquetes descritos por Petrônio no Satiricon.

Quem não lembra, finalmente, embora já num outro plano, as várias produções literárias que levam êsse nome, como o "Banquete de Platão", obra genial, na qual, em estilo próprio, vivo e variado, é exaltada

e glorificada a figura de Sócrates como pensador, como cidadão e como preceptor da juventude; o "Banquete de Xenofonte", e o "Banquete dos Sábios", de Plutarco, ambos de caráter moral; etc.

Sem nos referirmos a banquetes da natureza dos acima mencionados, a banquetes que, em especial em épocas passadas, quase sempre degeneraram em lamentáveis orgias, vamos tecer considerações em torno de três tipos de banquetes que, embora em linguagem metafórica, bem merecem êsse nome.

2. Não iremos falar de banquetes que visam somente locupletar o estômago, mas falar dos banquetes *"lato sensu"*, abrangendo todo o alcance que analògicamente a êsse termo podemos dar.

Ora, bastam umas leves considerações para que se entreabra ao nosso espírito o panorama maravilhoso, a escala progressiva e ascendente de opíparos banquetes já para os sentidos, já para a inteligência e já para a alma. O primeiro, o material, o mais geral, partilhado igualmente pelos brutos, representa o degrau ínfimo das exigências humanas, pois limita-se às satisfações sensoriais. O seguinte, o intelectual, em plano mais elevado, no plano humano, representa a resposta a uma tendência profunda da natureza humana, a tendência para o conhecimento intelectual. O terceiro, o espiritual, ultrapassando todas as cogitações humanas, se situa num plano supra-sensível e supra-intelectual, representando não já e exclusivamente o resultado da operosidade humana, mas dádiva e presente da bondade e magnificência divinas. Consubstancia-se nos dons espirituais, de variada ordem, que Deus distribui "de graça" àqueles que ama.

Admirável escala essa cuja fase radica na materialidade e cujo tôpo penetra na divindade.

E' dessa alimentação *sui generis*, desses banquetes originais que vamos tratar, esperando que o leitor colabore conosco suprindo com o poder de sua imaginação e o fulgor de sua inteligência aquilo que nossa pena não abordou ou desenvolveu insatisfatòriamente.

3. O homem, como o animal, está dotado de um organismo servido de sentidos admiráveis. Os cinco sentidos clássicos, em número de sete, oito e mais, segundo algumas psicologias contemporâneas, representam os meios naturais de que dispõe o ser humano para o contato pessoal com as demais realidades do Universo.

É pelo aso dos sentidos que êle realiza *a* série de atos necessários à vida. Infelizmente, aquilo que o animal não faz, isto é, o abuso dos sentidos, o homem é capaz de fazê-lo e na verdade muitas vezes o faz.

Atendo-nos principalmente ao aspecto positivo dos sentidos humanos, vamos examinar sucintamente a riqueza ímpar que representam para o homem, seguindo no seu exame a ordem da importância social e pessoal.

A vista e o ouvido, são os primeiros; seguem-se o gosto, o olfato e o tato.

A vista é o sentido humano de maior valor social. De fato, o contato com a sociedade reduzir-se-ia sobre-

maneira se faltasse ao homem o sentido da vista. A visão da realidade, a percepção das belezas naturais, a apreciação das maravilhas do engenho humano, a ampliação das coisas ínfimas pelo microscópio, a aproximação e aumento aparentes das coisas distantes pelo telescópio, tudo isso é fonte inesgotável de "alimento" para os olhos. Os olhos "bebem" a realidade, "nutrem-se" do mundo da matéria. As descobertas do espírito humano não param, a fim de saciar esta gula visual.

Daí a fotografia, o cinema, a televisão...

E ainda podemos nos perguntar:

Que nos reservará o futuro?

Ao lado da vista, segue-se como segundo sentido eminentemente social, o ouvido. Os homens não poderiam viver em companhia se não tivessem meio algum de comunicação pessoal. A palavra, com os variadíssimos matizes que pode revestir, traduz para os demais homens a riqueza dos pensamentos e a beleza dos sentimentos.

Mas, não é só a palavra que "alimenta" o ouvido; são os sons da natureza, é a sinfonia do universo, é o gorjeio da passarada, são as melodias das composições artísticas, são os infra e os ultra-sons da técnica, ampliados, transportados pelas emissoras, captados pelos receptores, permitindo ao homem, em qualquer ponto do universo, ouvir "as vozes" da humanidade...

Mas não termina com os sentidos sociais o banquete que é dado ao homem usufruir. Continua com os sentidos pessoais.

O gosto preside a escolha dos alimentos no sentido real da palavra. Não satisfeito o homem com os produtos como a natureza os dá, trabalha-os, transforma-os e combina-os, resultando os mil e um acepipes e bebidas que não só "satisfazem" as necessidades naturais, mas contentam outras exigências humanas.

O olfato, sentido de vigilância, colabora com o gosto impedindo que o organismo utilize para o sustento, material deteriorado.

Como os demais sentidos, apresenta exigências cada vez mais gerais e por consequência forma crescente pela técnica humana.

Finalmente, o tato, o sentido mais geral e por consequência menos especial, "derramado" pelo organismo todo, servindo ao homem de contato e de alerta, aproximando, prevenindo e prestando no seu género, contribuição extraordinária ao homem.

Os sentidos, como se depreende, representam o contato do homem com a realidade e a fonte de um "alimento" contínuo.

Os animais, que também partilham do banquete dos sentidos, embora em pequena escala, só se atêm ao uso. Somente os homens, seres "inteligentes", dão-se às vezes ao luxo de ir ao abuso desses sentidos, invertendo a ordem natural das coisas, ordem magnífica e sábia, extraordinária e admirável.

4. Apesar da maravilha do banquete dos sentidos, pequeno seria o gôzo humano se não existisse outro manjar mais fino, mais delicado e mais elevado. É que

o homem, dotado de inteligência, possui um nôvo instrumento de apreensão da realidade. E' o conhecimento intelectual. Os sentidos preparam à inteligência êsse banquete. Por isso, diziam os escolásticos: "Nihil est in intellectu quod primus non fuerit in sensu".

Tôda a realidade pode, a seu modo, entrar na inteligência, pode ser apreendida por ela, apreciada, analisada e gozada. A inteligência vasculha os dados dos sentidos, penetra-os com sua luz abstrativa, transpõe o acidental e fixa-os nos elementos essenciais, dizendo-se a si mesma aquilo que as coisas são. Conhecer é uma forma de possuir. Surge destarte, no intelecto humano, um nôvo mundo, o mundo do conhecimento, o mundo das ideias, representação abstrata do mundo da realidade. Nada escapa a essa vasculhação da inteligência. Sua penetração vai dos seres, enquanto seres, e sobe às leis da essência e da existência. Percorre os três reinos da natureza. Detém-se em cada um. Esquadrinha as leis que os regulam. Demora-se especialmente no homem, pois é êle objeto importantíssimo de exame e estudo.

O banquete da inteligência não se limita, porém, aos seres materiais.

O homem e o mundo não esgotando as realidades, porque marcados com o sinete da contingência, exigem que a inteligência procure mais alto a última razão das coisas.

Nasce a Ciência. Organiza-se a Filosofia. Surge a Religião.

Por ora tudo se passa, ou pode passar-se, no plano da pura natureza. E' o homem que dá vasão à sua ânsia, à sua volúpia de conhecer e de "alimentar" a fome da inteligência.

Êsse banquete que atrai os estudiosos, os cientistas, os filósofos, os pensadores em geral, convenhamos, é bem mais digno que o banquete dos sentidos, a rastejar no plano da pura materialidade. Apesar disso, diminuta é a parcela da humanidade que se volta para êsse manjar e o hierarquiza em plano mais elevado que o anterior. E, no entanto, quanto mais o homem sai da materialidade de que, aliás, não pode totalmente libertar-se, pois dela participa e quanto mais vive da inteligência e do espírito, de que também participa, tanto mais se eleva e se dignifica pois, segundo o filósofo, o homem é mais homem na medida em que desenvolve o que nêle é mais nobre.

Conhecer não apenas com os sentidos, mas, com a inteligência subordinar os atos, não às atrações dos sentidos mas às imposições do intelecto, sob as formas práticas da razão, eis o que parece normal ao homem e consentâneo com a sua natureza racional.

5. Ter-se-ão, porém, esgotado para o homem, com o banquete da inteligência, todas as suas aspirações? Nada mais procurará o homem além do alimento dos sentidos e do alimento da inteligência, nos variados aspectos em que se apresenta?

Responderemos que, para o homem que se julga um produto da matéria, para o homem que se considera

apenas um estômago e um feixe de nervos, tudo termina aí. Vive do mundo da matéria apreendido pelos sentidos. Vive da realidade esquadrinhada pela inteligência. E usufrui e goza de todas as coisas até os limites do possível. E a volúpia do gôzo dos sentidos e o delírio orgulhoso das descobertas da inteligência não encontram restrições ou limitações na maioria. A um excesso e liberdade correspondem abusos graves e deploráveis.

A hierarquia dos valores perde todo o sentido, e o homem é envolvido pela materialidade.

No entanto, não são necessários muitos argumentos, nem reflexões numerosas, para provar que não se limitam no ramerrão das coisas sensíveis as profundas e essenciais aspirações do ser humano. Com efeito, o mundo em que vivemos não esgota a realidade. O finito supõe o infinito. O contingente exige o necessário. Por isso está o homem à cata de Deus. E Deus não deixa êste esforço, esta busca, sem recompensa.

Procurando descobrir as razões de todas as coisas, sobe a inteligência à escala das causas e chega inexoravelmente à causa não causada. Chega a Deus.

A especulação filosófica não conseguiu, porém, dar de Deus um conceito claro e adequado. Por isso, na plenitude dos tempos, atendendo à ânsia humana de conhecê-lo, o próprio Deus, num rasgo de infinita bondade veio ao homem e lhe deu a sua palavra, o seu Verbo, para possibilitar-lhe o conhecimento que lhe faltava.

Deus desceu até o homem. Encarnou-se. Revelou-lhe inefáveis verdades. E mais do que isso, deixou para o homem um memorial do seu amor. Deixou-lhe um alimento divino, o seu próprio corpo. Mistério inenarrável.

Os homens não podem entender essa linguagem.

Se com facilidade falamos do banquete dos sentidos e do banquete da inteligência por tratarem-se de coisas humanas, com dificuldade falamos do banquete eucarístico, pois nêle se realiza a "comum união" entre Deus e o homem, união transitória neste mundo, mas duradoura no outro.

É desse banquete que afirmou o génio de SANTO AGOSTINHO: "Deus sendo sapientíssimo, não achou o que dar mais; e sendo poderosíssimo, não teve o que dar mais".

Nos demais banquetes é o homem que atua, que age, que opera. Neles, as realidades são apreendidas e assimiladas. Neste outro banquete, dá-se o inverso: o homem é transformado, elevado, eternizado, divinizado.

"Quem come deste pão terá a vida em si e não provará a morte eternamente".

"Não sou mais eu que vivo; é Cristo que vive em mim".

Os homens materiais que vivem apenas no plano das realidades da matéria, não podem alcançar o sentido destas palavras. Todavia, para aqueles que foram

achados dignos do dom da Fé e chamados à graça de filhos de Deus, elas têm um significado profundo, sôbre-humano, transcendente.

6. Os três banquetes aí estão. O primeiro, o dos sentidos, rasteja na materialidade. Devia dominar sòmente no mundo dos animais. O segundo, o da inteligência, se eleva do puramente material e constitui o plano do homem segundo a natureza. É específico do homem, não lhe sendo, porém, exclusivo.

O terceiro, o da alma, é de ordem espiritual, sobrenatural, divina. E' próprio da nôvo Adão, do homem batizado, do filho de Deus. Nunca o homem será digno de achegar-se a êsse banquete. Deus, porém, o convida e supre as deficiências sempre que há boa vontade.

Para o homem que vive no clima da Redenção não há tergiversação possível: ao pensar no tesouro que encerra êsse banquete, deve, genuflexo, achegar-se humildemente a essa fonte de vida e nela abeberar-se com sofreguidão, certo de que nela está a verdadeira semente de vida e de eternidade pela qual o homem em seu íntimo sempre suspira.

A UNIVERSIDADE E A FORMAÃO DAS ELITES

QUANDO no Brasil falamos em problemas universitários perigamos pisar em terreno fôfo, em terreno ainda não suficientemente solidificado, pois a nossa experiência neste setor não ultrapassa cinco lustros.

Se é verdade, porém, que nossos conhecimentos universitários datam de ontem. a capacidade assimiladora de nosso povo é tão grande, é tão eficiente, é tão rápida que nesse curto prazo de tempo, já se organizaram material e formalmente várias grandes universidades podendo, algumas, ser comparadas às melhores do mundo.

Mas, o crescimento rápido dessas instituições fêz com que numerosos problemas não tenham sido resolvidos com a devida precisão, pois vários deles são o fruto da experiência ainda pequena entre nós.

Além do mais, a penetração da influência universitária nos setores não apenas intelectual, mas também político e econmico e mesmo administrativo do país, trouxe para a universidade um acréscimo de responsabilidade, mais acentuado ainda por efeito do dinamismo do mundo de hoje.

E' a inteligência que é chamada a dar tôda a sua contribuição na solução destas questões. Ora a inteligência não pode atuar no rebuliço e na agitação. Não pode acelerar demais a sua marcha. O trabalho em profundidade é obra da reflexão, que por sua vez requer tranquilidade e tempo.

Inúmeras tolices têm sido cometidas em nossos dias por falta de tempo ou vontade de refletir.

O dinamismo da época atual arrasta em seu turbilhão todos quantos não lhe opõem severa resistência, levando os homens a tudo realizar sob o império da pressa, convertendo em agitação aquilo que deveria ser paz e tranquilidade.

À inteligência como vanguardeira do verdadeiro progresso, cabe formular os problemas, examiná-los e solucioná-los, não de maneira qualquer, não apenas pragmaticamente, mas de modo científico.

Vivendo numa época de luta em que, na expressão feliz de ROMANO GUARDINI, "Ethos" quer sobrepor-se a "Logos", cabe à razão realizar o trabalho de restabelecer não só o equilíbrio, mas a hierarquia dos valores.

2. Dos numerosos aspectos que poderíamos salientar, dos numerosos problemas universitários próprios do meio brasileiro que merecem referência e exame, podemos assinalar:

A questão da missão da Universidade, da sua autonomia, das instituições integrantes, da constituição do seu corpo docente, da investigação e da pesquisa, dos laboratórios e bibliotecas, da remuneração condigna,

do material didático, da seleção dos estudantes, do seu alojamento e alimentação, das organizações acadêmicas e outras tantas, todas de molde a bastarem, uma de cada vez, não para um artigo mas para um congresso.

Compreende-se de imediato que todos estes temas são de real atualidade e merecem a contínua atenção dcs responsáveis pelas Universidades e escolas superiores isoladas.

Pretendemos desenvolver nas linhas abaixo umas considerações sobre a missão da Universidade na preparação das elites e, em particular, das elites dirigentes. Devemos declarar que abordamos o problema universitário em tese, e se algumas vezes descemos ao concreto e ao particular, fazemo-lo com referência à Universidade aonde trabalhamos.

3. Lendo a obra de FERNANDO DE AZEVEDO "As Universidades no Mundo do Futuro", encontramos no início do Capítulo X: "Por maior que seja o interesse (e somos os primeiros a reconhecê-lo) na assimilação das ciências e da técnica dos países mais adiantados, por imperiosa e urgente que seja a preparação de homens que possam especializar-se tão estreitamente quanto fôr preciso, nunca será demais insistir sobre a necessidade de se recolher da melhor tradição filosófica e romântica (nós diríamos filosófica e religiosa) aquele "sentido humano" a que se refere GILBERTO FREYRE e que "sempre há de atuar contra as especializações inclinadas ao esquecimento do homem pelo *Homo Economicus* ou qualquer outro retalho ou pedaço de homem".

E' precisamente êsse cuidado que pretendemos destacar: não esquecer o "homem" na preparação do "profissional".

Por isso, no desenvolvimento desse tema, cuja riqueza e excelência ressalta ao primeiro exame, procuraremos assinalar a tarefa da Universidade não tanto na formação técnica mas sobretudo na formação da consciência profissional e conseqúentemente na criação, nos egressos da Universidade, de um profundo senso de responsabilidade profissional e social, moral e cultural.

Está fora de dúvida que cabe à Universidade a missão de formar as elites e em particular as elites dirigentes, sendo supérfluo qualquer esforço no sentido de justificar essa tese, pois nas democracias dignas desse nome, nos setores governamentais, culturais, administrativos, industriais e económicos, via de regra, é às elites culturais que impende a direção e o comando. Qual é, porém, o sentido deste "conceito de elite" para que traduza tôda a riqueza e conteúdo que realmente tem? Será a elite constituída pelos "aristocratas da inteligência", ou pelos "donos do poder" ou os "senhores do dinheiro"? Pode ser e pode também não ser.

4. De dois modos principais podemos assinalar o sentido possível desse vocábulo elite, tantas vezes repetido nos dias de hoje. A elite de um povo pode ser pesquisada mediante sondagem estatística, considerando-se como componentes categorizados, como elite conseqúentemente, todos aqueles cidadãos que se encontrarem na faixa central ou superior da curva das pro-

babilidades, curva obtida levando em conta êste ou aquele predicado, podendo conseqúentemente variar segundo a escolha dos predicados.

A elite pode também assinalar-se pela floração de um conjunto de predicados pessoais nos variados aspectos das manifestações humanas, prevalecendo o setor intelectual, cultural e moral.

Na primeira das acepções, isto é, no sentido estatístico, a elite existe em todos os meios sociais, pois destaca, consoante o aspecto considerado, os vultos proeminentes da sociedade, situando-os "ipso facto" em região privilegiada. Aparecem destarte elites no campo da cultura, da arte, da técnica, do comércio, do próprio esporte, etc.

Na segunda das acepções, isto é, no sentido clássico e tradicional, a elite não existe obrigatoriamente em todos os meios sociais, pois representa a reunião de "um mínimo de virtudes e de méritos culturais", aferida em padrões prefixados cuja maior elevação assinalam o maior ou menor estágio da cultura de um povo.

Não necessitamos afirmar que esta última acepção sobrepõe-se à primeira, motivo pelo qual será por nós adotada.

É à elite assim entendida que cabe a coordenação das forças sociais e a ordenação do progresso na complexa sociedade hodierna.

Para participar desta elite é mister possuir um "mínimo de virtudes e méritos culturais", estando fora de cogitações que um dos méritos exigidos é a formação

universitária, ministrada e difundida pela escola superior. Ao lado da formação profissional superior integram o "mínimo" exigido para a constituição da elite a formação ética e a formação social.

E se a elite se destinar à direção das sociedades humanas, é-lhe imprescindível também o estudo da organização social, da psicologia das relações humanas, da legislação do trabalho, da economia, da filosofia e outras.

Interessante é assinalar que vários países, pretendendo completar a formação do "homem", ao lado das disciplinas técnicas já incluíram o estudo de disciplinas gerais e sociais nos currículos destinados à formação superior. Podemos citar, como exemplo: a Bélgica, a Dinamarca, a França, a Noruega, a Holanda, a Suécia, os Estados Unidos e outros (Apud "Informes de la Construción" n.° 53 -- 1941 — 4).

Ora, estabelecido o sentido que estamos dando à palavra elite, perguntemo-nos agora sinceramente: formam as nossas Universidades verdadeiras elites? Cultivam nossas Universidades as potencialidades da inteligência, as habilidades físicas e as prendas morais dos estudantes, a ponto de prepará-los virtualmente para as tarefas dirigentes?

Desenvolvem nossas escolas superiores as qualidades do "indivíduo", ou melhor da "pessoa", não esquecendo que ela vai viver em "sociedade", formando-a conseqüentemente para uma obra de colaboração antes que de isolamento e egoísmo?

Preocupam-se nossas academias principalmente em formar o profissional, hábil e capaz, eficiente, expedito, ou lembram-se de fazer dêle um "homem", um ser cuja razão e liberdade, características da pessoa, devem ser empregadas para a prática da justiça, do bem e da virtude na profissão escolhida?

Outras perguntas poderiam ser formuladas, mas não é necessário, pois o problema está suficientemente pôsto.

5. E as respostas?

Ora, as respostas... Estas não as precisamos dar nós. Dão-nas, diariamente, os periódicos, pelo rol crescente e assustador dos roubos, dos desvios, das falsificações, das falcatruas, das chantagens e quejandas.

Bem sabemos, infelizmente, que o vício e o crime assolam a sociedade dos nossos dias com requintes de baixeza, de malícia e de miséria moral.

E serão tais mazelas sociais obra de ignaros e analfabetos ou são elas arquitetadas por portadores de diplomas superiores?

Não generalizamos. Não possuímos dados que nos permitam tal afirmação. Todavia, afirmamos sem receio de engano que muitas das transações indecorosas ou ilícitas registradas ultimamente entre nós não foram praticadas por apedeutas e ignorantes.

Diante de graves problemas como esses que entristecem a sociedade, lesando cidadãos pacatos e honestos, existe sem dúvida a vigilância dos órgãos de classe e o poder coercitivo da Polícia. Mas as escolas que na

melhor boa-fé, diplomaram elementos que vão desonrá-las, as escolas que em ato solene e público, deles receberam as juras de fidelidade à lei e à consciência, poderão ficar indiferentes ante esses desmandos no exercício da profissão?

Podem as escolas superiores considerar-se isentas de tôda responsabilidade, neste particular, sob o pretexto de que a elas cabe apenas a formação profissional?

Podem as escolas superiores ficar indiferentes ante a crise que avassala a nacionalidade, traduzida em traficações de tôda a sorte, em negociatas escandalosas, em subornos aviltantes, em não cumprimento do dever, e, que sei. . . em prevaricações contra o juramento solene, proferido ao receber o grau profissional ?

Não, não podem, pois está fora de dúvida que a Escola que não atende às verdadeiras necessidades do meio social não cumpre os seus fins essenciais e necessita, por parte dos seus dirigentes, de reexame de sua estrutura para levá-la à obtenção dos seus reais objetivos.

6. Compreendemos, à luz dessas ponderações, a insuficiência da cultura intelectual para a constituição das elites e da absoluta necessidade da formação da consciência profissional.

Mas, que deve ou que pode fazer a Universidade e que devem ou podem fazer os universitários face a êsse grave problema?

Primeiro, a Universidade. E' preciso que ao lado da formação técnica, ao lado do ensino dos processos

de investigação, ao lado do cultivo do espírito científico, haja um esforço de "unificação" do indivíduo, diria melhor, da pessoa, em torno de ideais elevados de honestidade, de probidade e de solidariedade humana. E' certo que não basta o conhecimento para gerar a virtude, não basta a ilustração de espírito para a determinação da vontade; mas, se os princípios orientadores não são lembrados na época da grande capacidade de assimilação dos jovens, isto é, na fase académica, é exigir demais que, por si, por autoprocura, se assenhoreiem dos princípios éticos e morais e deles façam norma de conduta. Que a Universidade, portanto, incorpore aos currículos atuais, rigidamente técnicos, um programa de formação social, de formação humana, de formação cívica e de formação moral.

Que a Universidade, talvez com a criação obrigatória de cadeiras de formação, talvez promovendo em caráter progressivo, palestras, conferências, estudos em torno desses problemas, desperte continuamente a atenção dos universitários para essas questões humanas, tão importantes senão mais que as da formação profissional propriamente dita.

Esses temas lembrados, discutidos, analisados, deixarão nos espíritos traços indeléveis que irão influir positivamente na atitude dos futuros profissionais.

Segundo, os universitários. Aos universitários cabe parcela não pequena na realização dessa tarefa ingente da formação de um clima de seriedade profissional.

Aos moços universitários, cheios de entusiasmo, de inteligência e de capacidade de trabalho incumbe o

debate público, a análise demorada, o estudo aprofundado de todos esses problemas a fim de não só conhecê-los em seus variados aspectos, mas, sobretudo, de criar um estado d'alma pronto a reagir contra tôda tentativa de desdouro profissional. Se a mocidade *é a* idade do debate, a "idade da controvérsia", (Idade, Sexo e Tempo) na expressão de TRISTÃO DE ATAÍDE, é preciso explorá-la no sentido da fixação dos grandes princípios ético-profissionais.

Aos universitários, cabe a luta contínua contra o negativismo, a desconfiança na capacidade brasileira e a crítica destrutiva. Não tendo compromissos com o passado, tendo o futuro diante de si e um presente livre para as opções mais agigantadas, cabe aos universitários o estudo, a pesquisa, o debate sereno, a consulta aos mestres, quando necessária, em torno não só das "técnicas do fazer", mas também em torno das "maneiras do agir". O calor dos debates, a segurança dos argumentos, a força dos arrazoados, terão o mérito de iluminar a inteligência e de mover a vontade, atuando sobre o homem todo.

Como se opõe a essa maneira tão lógica de proceder a atitude indiferente de muitos académicos ante os graves problemas da cultura, da profissão, da sociedade, do Estado e tantos outros, gastando um tempo precioso em bares e cafés, semeando anarquia, pessimismo, negativismo, afirmando que "não vale a pena", que a "sociedade está corrupta mesmo", que é melhor "deixar correr o barco" e quejandas, a espalharem e difundirem sentimentos de incapacidade de reação, de anu-

lação da responsabilidade pela aceitação de um determinismo cruel e estúpido, como se o homem não passasse de um joguete do ambiente e de um produto das circunstâncias!

A vida universitária vivida intensamente, o exame das questões que sempre encheram de entusiasmo o idealismo dos académicos, o calor das tertúlias científicas e literárias, os seminários de estudos e pesquisas, são substituídos em muitas organizações estudantis por estéreis e quiméricas discussões em torno de futriquinhas individuais, de politicazinhas particulares, de problemas de 3ª classe, desperdiçando assim as energias maravilhosas e irrecuperáveis da mocidade.

Faltarão aos moços ambientes de estudo e trabalho? Faltarão aos moços bibliotecas e laboratórios? Faltarão aos moços recursos para movimentar todas essas energias latentes? — Não, sem dúvida, pois em épocas do passado, em nosso país como em terras do além-mar, minguando muito embora os recursos materiais, fremia a alma acadêmica na escola ou na praça pública, quando necessário, em torno das questões transcendentais da cultura, da civilização e da liberdade. Lembremos apenas os movimentos dos académicos de Recife e de São Paulo, na campanha abolicionista.

Que falta, então, à classe académica de nossos dias? Não faltam, talvez, líderes autênticos, em seu meio? Não faltam, quem sabe, guias autênticos em seus mestres e professores?

Creio que, por vezes, faltam ambos.

No entanto, ninguém na Universidade se exime de uma parcela dessa responsabilidade, sendo oportuníssimas, reflexões como estas para uma exame das situações e um reinicio de jornada com rumos retificados, mais consentâneos com as verdadeiras finalidades da formação superior.

7. A extensão demasiado longa deste artigo obriga-nos a terminar. Cremos ter trazido umas ideias para exame e ponderação de mestres e alunos.

Tudo não foi dito sobre o assunto. Apontamos males, indicamos remédios. Falta, talvez, o debate, a discussão pública, para firmar normas práticas que sejam de proveito real.

Nessa tarefa ingente ninguém na Universidade pode ficar alheio.

O homem é um todo. A cultura superior não deve mutilá-lo. Pensar que a formação cultural com os requintes modernos da pesquisa, da investigação e da especialização representa, por si só, evolução e progresso social, é um grande engano, é uma profunda ilusão. Se fôr esquecida ou insuficientemente considerada a formação moral, social e humana, caminharemos para a instalação, talvez, não de uma ditadura da força, mas de uma ditadura da própria inteligência, pois ela, sendo potencial sem destino, sendo força sem rumo, poderá enveredar por tristes caminhos e conduzir a trágicos efeitos.

Mas, esperamos que isto não aconteça, pois há inúmeras forças positivas que podem e devem ser mobilizadas, tanto de parte das Universidades propriamente ditas, como de parte dos académicos, dentre os quais existem, felizmente, numerosos elementos de primeiro valor que, revelando capacidade de liderança, estão a demonstrar que os rebentos da velha cepa gaúcha, de seiva rica e dadivosa, longe de estarem amortecidos, irrompem redivivos e prontos para novas arrancadas, prontos para as tarefas que lhes forem impostas, desejando forjar as armas do seu caráter e polir as arestas de suas personalidades em encontros e justas acadêmicas com alma cheia de entusiasmo e o espírito preparado para os esforços que lhes forem exigidos.

Cremos, por isso, nas Universidades, e cremos, também, na mocidade acadêmica. Mas só as Universidades que sentem a vibração das almas moças em torno dos eternos temas da humanidade, e com elas também vibram de entusiasmo; só as Universidades que procuram lealmente solucionar os problemas da pessoa, superando os mesquinhos horizontes da temporalidade, poderão estar tranquilas de realizarem obra plenamente satisfatória.

A UNIVERSIDADE E A CULTURA

É UMA verdade acaciana a afirmação de que as Universidades são centros de saber e de cultura.

Realizando-se nelas trabalho dicotómico — preparação de profissionais e metodização da pesquisa — sempre foram e sempre hão de ser celeiros de almas ávidas da verdade, impulsionadas pelo gosto da investigação e da descoberta, mesmo no setor meramente profissional.

Estas duas preocupações, às vezes, dividem as universidades de hoje. Assim, baseadas nos que afirmam que a "Universidade sem pesquisa não é Universidade", há universidades que concentram seus esforços exclusivamente na investigação. Outras, apoiadas nos que declaram que "a Universidade é antes de tudo centro de alta cultura, cabendo-lhe a incumbência de manter e difundir essa cultura", preocupam-se em tornar-se realmente centros de cultura, procurando incorporar as novas descobertas e unificar as verdades parciais dos pesquisadores.

Parece, todavia, que a posição verdadeira não pode ser estabelecida *a priori*, desconectada com o meio ambiente em que a Universidade realiza sua atividade.

Deste modo, pelo menos em nosso país, na fase inicial, forçosamente deverá prevalecer para a Universidade a preocupação profissional, pois as necessidades dessa ordem são enormes e a carência de profissionais nos variados ramos está a reclamar essa providência por parte das escolas superiores.

Numa segunda fase, atendidas as exigências de ordem prática e suficientemente suprido o mercado das profissões, aparece a nova preocupação universitária: a investigação, a pesquisa, procurando dar ao homem um conhecimento crescente da realidade em todos os seus aspectos. Digo, propositadamente em todos os seus aspectos pois, infelizmente, por vezes se ouve dizer que, se não há laboratório, se não há provetas e pipetas, não há investigação, quando, ao invés, as especulações no campo racional, como, por exemplo, no filosófico, são tanto mais enobrecedoras para o homem quanto melhor lhe esclarecem as dúvidas capitais da natureza e finalidades da própria existência humana.

A Universidade não pode nascer pesquisando, pura e simplesmente. Seria pretender correr, não sabendo ainda caminhar.

Os organismos universitários diretamente voltados para a investigação são os Institutos e estes só podem ter nascedouro após um certo amadurecimento, sem o que o edifício que se pretende levantar assenta sobre areia movediça.

Por outro lado, a instituição universitária que pretendesse permanecer somente no plano do preparo pro-

fissional tornar-se-ia uma Escola Profissional, se quisermos, de alto padrão; mas, fugiria, sem dúvida, pelo menos em parte, à sua finalidade integral.

2. Estabelecida esta distinção e situada a responsabilidade da Universidade em ambos os setores, vamos examinar o papel da Universidade em face da cultura propriamente dita.

Muito se tem escrito sobre o conceito de cultura. Numerosos autores em massudos trabalhos têm se ocupado do exame desse conceito e da análise do seu conteúdo. Lembramos apenas MARITAIN em "Religion et Culture" e LEONEL FRANCA, em "A crise do mundo moderno".

Não esposando *a priori* um conceito de preferência a outro, procuremos descobrir diretamente a riqueza e a beleza do conteúdo da palavra cultura.

Percebemos que há um entrosamento entre profissão e cultura e que, propriamente, só se preparam verdadeiros profissionais, quando se lhes dá uma sólida cultura.

Se a escola secundária é considerada como a formadora e a plasmadora da personalidade, especialmente do ponto de vista moral, está fora de dúvida que, dos 18 aos 26 anos, por consequência no período universitário, em virtude do intenso, longo e profundo trabalho intelectual, se esclarecem e se estruturam em forma definitiva, as tendências dominantes e características da pessoa, aquelas que a marcarão para o resto da existência.

Ora, é absolutamente necessário que a cultura que a Universidade procura realizar seja de duplo conteúdo: um intelectual, outro moral.

O primeiro representa o exercício das faculdades intelectuais, levado a alto grau de perfeição e segurança; o segundo, o exercício da vontade e da liberdade, dentro das exigências da natureza humana, isto é, dentro das normas do direito e da justiça.

Se se firmar nos universitários uma sincronização entre a vida intelectual e a vida moral, então se terá atingido o mais elevado dos escopos da escola superior: a formação de homens de cultura verdadeira e plenamente humana.

Cultura verdadeira, porque portadora de um conteúdo intelectual certo e plenamente humana, porque aplicada dentro das normas morais.

Destinem-se, depois, homens assim preparados à investigação pura ou a um ramo de atividade prática, pouco importa; darão ótimos frutos e honrarão sempre a Universidade que os formou.

3. Afirmado o conteúdo intelectual e moral do conceito de cultura que, sabemo-lo muito bem, não é indissociável, procuremos aprofundar a análise encetada.

Quando se fala, por exemplo, em cultura jurídica, cultura literária, etc., o primeiro conteúdo assinalado é evidentemente o intelectual; todavia, se, por uma hipótese qualquer, êsse conteúdo específico se encontrar num indivíduo desgovernado no campo moral, parece que não se lhe pode atribuir plenamente o qualificativo de pessoa culta.

A concepção germânica de cultura, exige o cultivo no homem de tudo aquilo que em particular o distingue entre os seres, isto é, a racionalidade e a liberdade.

Ora, sabemos que a inteligência, que é uma das manifestações da razão, não é apenas instrumento de contemplação. Ela, com sua luz própria, não só descobre os princípios que regem a natureza humana mas também, com seu poder de ação, com seu dinamismo, orienta e dirige os atos humanos.

Por isso o exercício das faculdades mentais, realizado no estudo científico de uma disciplina em nível superior, representa a cultura da racionalidade.

E as ações de cada dia, praticadas com sinceridade, com lealdade e honestidade, estribado o indivíduo num código de moral elevada, representam o cultivo da liberdade.

Sem dúvida, não se poderá chamar de culto um iletrado só pelo fato de ser piedoso, honesto ou caridoso. Chamar-se-á, sim, mais facilmente de culto aquele que, embora desorientado no proceder, tem capacidade e conhecimento intelectual. E é êsse, aliás, o critério que o vulgo em geral adota.

Não que considere desnecessária a lealdade, a probidade. Supõe-se sempre.

Tanto isto é verdade que tôda vez que cai no domínio público um desvio moral em pessoa considerada "culta", as reações os comentários e mesmo as atitudes populares se tornam veementes na sua repulsa e condenação.

Isto tudo não impede que seja o conhecimento intelectual o elemento primeiro da cultura. Assim, ter cultura é saber julgar as coisas. "O ensino que nos dá cultura, diz DELOS, da Universidade Católica de Lile, é aquele que em nós transmitindo uma verdade, no-la mostra em suas relações com as verdades conexas, dentro da mesma ciência, e situa esta na hierarquia do saber".

Cultura não é um acúmulo de conhecimentos. Isto seria erudição. Cultura não é a totalidade dos conhecimentos de um determinado setor do saber humano. Isto seria especialização. Cultura é a capacidade de distinguir as correlações das coisas e a relatividade das mesmas no conjunto do cosmos. Cultura é também utilização do saber dentro das normas da ética geral humana.

4. Demos um passo mais adiante. Se a cultura é a capacidade de julgar as coisas, êsse julgamento deve obedecer às leis próprias dessas mesmas coisas; de outro modo o julgar será superficial, aparente e talvez falso.

Nesse julgar as coisas, o espírito não pode desconhecer as relações das leis das coisas com as leis gerais do cosmos e, conseqüentemente, com o pensamento do Criador das coisas e do cosmos.

Para poder julgar faz-se mister conhecer a verdade, a qual é lógica enquanto representa adequação entre a realidade e sua representação intelectual, ética, enquanto essa adequação se verifica entre o pensamento e a palavra e metafísica, enquanto essa mesma adequação se constata entre a ideia e a realidade.

Ora, isto nos leva a uma afirmação aparentemente estranha, mas real e positiva: a de que não pode haver cultura humana genuína fundamentada na neutralidade espiritual. Em outras palavras, não há verdadeira cultura sem Deus, como não há ciência positiva que não deixe aberto caminho ao espírito, para os campos da metafísica, fazendo-lhe entrever um conjunto de verdades centrais sobre a estrutura do mundo, a essência do homem e a natureza da vida.

Por isso afirma ainda DEDOS: "A cultura longe de neutralizar o espírito, lhe permite, pelo contrário, pronunciar-se, afirmar-se e comprometer-se. Ela lhe permite julgar, discriminar, separar a palha do grão, distinguir o lícito dó ilícito, o belo do feio, o êrro da verdade, o possível do impossível.

A verdadeira cultura, longe de conduzir a juízos *a priori e* sectários, flexibiliza o espírito, pois há uma alma de verdade no próprio êrro, um reflexo de beleza mesmo no horrível. O homem culto, recolhe esta alma de verdade precisamente porque é culto. Êle discerne, julga e retém o que é conveniente reter. Sua capacidade de julgar o mantém em estado de pureza interior que o torna acolhedor, o que é exatamente o oposto da neutralidade".

Um espírito culto é por essência um espírito aberto à verdade total. Por isso, suas observações não se limitam ao matagal dos fenômenos, nem à realidade material; pelo contrário, ultrapassando o horizonte da temporalidade, penetram no além e buscam a explicação

definitiva de todas as coisas, na realidade de um ser infinito, criador da universalidade das coisas.

5. Esta afirmação, baseada na mais lídima argumentação racional é o fecho de abóboda do edifício da cultura. Tudo se explica quando se admite Deus.

Êsse Deus, causa e fim da verdadeira cultura, não é o Deus frio e racional de ARISTÓTELES e de outros filósofos. E' um Deus pessoal, transcendente, infinitamente bom, Criador de todas as coisas, premiador dos bons e castigador dos maus.

Longe de ser indiferente ao mundo e aos homens, há dois mil anos, depois de ter falado pelos profetas, num mistério inefável, tomou nossa natureza, encarnou-se, viveu entre nós e nos deu uma lição não só de cultura, mas de sabedoria, pois é assim que a Escritura qualifica o proceder daqueles que dão às coisas o verdadeiro nome e as usam segundo o verdadeiro valor, aqueles que tudo hierarquizam e fazem da vida uma ascensão das mais ínfimas criaturas ao Senhor de todas as coisas e só descansam quando encontram Aquele que é a razão de ser de tudo que existe.

A desordem introduzida no mundo pela queda original veio corrigi-la o Divino Redentor. Muitos aceitaram e aceitam esta correção. Nem todos, porém o homem sendo livre e Deus que o fêz livre respeita-lhe a liberdade, levado por impulsos, fantasias ou ouropéis, facilmente abandona a rota da verdade. Daí a infinita gama de desvios por que muitas vezes envereda mesmo quando bem intencionado, se entrega à procura da verdade e pretende realizar a cultura.

Para dirimir as dúvidas quanto à verdade existem tribunais específicos: a prova experimental ou racional para a verdade científica e a palavra divina para a verdade religiosa. Ambas as verdades, porém, confiam e fazem parte da verdade total.

Por isso, no clima de Redenção em que nos encontramos não se entende já uma cultura que não seja cristã, isto é, que não leve a impregnação da doutrina do Mestre de Nazaré. Compreende-se então a afirmação tantas vezes repetida: "a verdadeira ciência, nós diríamos cultura, sempre aproxima de Deus e só a meia ciência, a jactância, afasta de Deus".

6. Essas considerações deveriam prosseguir, mas nos levariam muito longe. São suficientes, porém, para mostrar ao vivo a responsabilidade das Universidades na propagação da cultura entendida no sentido amplo aqui indicado.

Não se trata, pois, só de preparar profissionais hábeis, conhecedores das últimas técnicas do engenho humano num determinado setor de atividade; não se trata tampouco, de formar especialistas ou pesquisadores que no seu ramo não encontrem mais segredos e possam, com investigações acuradas, recuar os horizontes do desconhecido, enriquecendo o património da humanidade com suas descobertas.

Não se trata somente disso, repetimos, pois todas estas realizações podem representar parcelas de cultura, aspectos variados da cultura, mas não a cultura integral, a sabedoria. A Universidade deve espalhar a cultura

total, a cultura do seu mais elevado conceito. Deve fazer de cada um dos seus egressos um homem capaz de julgar e de apreciar as coisas à luz da verdade. É esta a tarefa da Universidade.

E' uma tarefa gigante, mas deve ser enfrentada sob pena de criar sábios e especialistas e, todavia, marginais da verdadeira cultura.

SERVIÇO SOCIAL E UNIVERSIDADE

COM razão afirmou alguém ser o século atual o século "do social". Os problemas sociais são examinados com crescente interesse e há preocupação em resolvê-los.

Na realidade, os problemas sociais foram e são de todos os tempos. Apenas, na época contemporânea o crescimento progressivo da indústria, a concentração cada vez maior das populações nas cidades, a desproporção assustadora na posse dos bens materiais e outros fatôres mais, tornaram os problemas mais cruciais e mais agudos.

Leão XIII, na sempre lembrada "Rerum Novarum" delineou a configuração geral do problema e acrescentou a solução não só cristã mas também humana. E tão feliz foi no seu diagnóstico e na indicação da terapêutica que mesmo governos de orientação diferente à da Igreja não deixaram de reconhecer a excelsitude da doutrina e dela se tornaram propagadores entusiastas.

2. A voz do grande pontífice teve repercussão universal. Governos e instituições começaram a ocupar-se e mesmo preocupar-se com tais problemas que desse momento em diante, e ainda em nossos dias, se enfeixaram na dominação geral de "questão social".

Não é possível nos limites deste artigo referir os esforços dos países e organizações para enfrentar e solucionar esses problemas. Há, porém, tentativas e planos nesse sentido.

Basta, para comprová-lo, a citação de um dos artigos da Carta da Organização dos Estados Americanos, art. 29, inciso A: "Todos os seres humanos, sem distinção de raça, nacionalidade, sexo, credo e condição social, têm o direito de alcançar seu bem-estar material e seu desenvolvimento espiritual em condições de liberdade, dignidade, igualdade de oportunidades e segurança económica".

Esta afirmação, clara e incisiva, é a proclamação de uma verdade que a Igreja sempre reconheceu mas que os povos nem sempre aceitaram.

Há, pois, um louvável progresso a ser registrado na evolução dos povos.

Todavia, se é reconhecido e proclamado o "direito de todos a um relativo bem-estar material e ao desenvolvimento espiritual", que se tem feito de prático, de concreto, neste terreno?

Não continuam por tôda parte menores abandonados, anormais sem proteção, delinquentes sem assistência recuperatória, favelas e mocambos, promiscuidade e analfabetismo, marginais e desajustados de tôda ordem e outros abortos sociais, cujo rol é impossível de completar?

A esses problemas acrescente-se em nossos dias o desequilíbrio económico que põe em sobressalto as famílias, desarticulando sempre mais a estabilidade social em vez de fortalecê-la.

Acrescente-se ainda a difusão progressiva e sistemática de ideologias exóticas a pregarem a solução violenta e revolucionária dos problemas cuja tragicidade é intencionalmente exagerada, e então teremos bem ao vivo o quadro da moderna situação social.

Parece, pois, que se as ideias salvadoras do grande Papa estão sendo aceitas por governos e particulares não o são na medida suficiente ou suficientemente extensiva.

Há, destarte, campo para muito trabalho.

3. Em realidade, por tôda parte houve e há obras votadas à solução ou diminuição das mazelas sociais. Cada país e, às vezes, cada região conta com obras sociais para atender a um outro problema mais grave.

Quase sempre, as obras surgiram da boa vontade de um benfeitor ou são o resultado da reação a um cataclismo social.

Outras vezes, como acontece entre nós com os institutos assistenciais ou de previdência, representam uma conquista da legislação social. Todavia, não são perfeitos e não atingem todas as classes sociais.

São soluções interessantes, dignas de aplauso; entretanto, soluções na maioria empíricas, assistemáticas e desprovidas de organicidade.

Para o exame e o tratamento dos problemas sociais foram, porém, surgindo desde o fim do século passado Escolas de Serviço Social.

A princípio tímidas, inseguras, desconhecendo em parte a própria finalidade. Aos poucos, porém, foram se estruturando e se firmando. Ao contato cotidiano com os problemas da vida real o panorama social foi se tornando mais compreendido, os problemas mais elucidados e as soluções mais eficientes.

Em numerosos países surgiram essas Escolas de Serviço Social. No início possuíam apenas nível secundário ou pouco mais. Aos poucos, por efeito do próprio esforço e como consequência de pesquisas e investigações sociais que realizaram, foram tomando cada vez mais feição científica, e, amadurecendo rapidamente, puderam integrar os organismos universitários.

Essa evolução foi mesmo rápida comparada com a de outras escolas superiores. Basta dizer que em nosso país as Escolas de Serviço Social criadas há menos de quinze anos, uma vez atendidas as condições mínimas estabelecidas em recente lei federal, passam a integrar os organismos universitários. E' o que está acontecendo com a Escola de Serviço Social de Porto Alegre, ora incorporada à P. U. C.

4. Os novos institutos universitários têm uma finalidade relevante, não apenas para o "estudo" dos problemas sociais, mas e especialmente para "tentar minorar" ou melhor, "solucionar" estes problemas.

A época atual não se contenta mais com improvisações; requer preparação técnica adequada à função a que se destinam as pessoas.

Aparece nítido o campo de trabalho da Escola : formar o profissional do Serviço Social, o técnico, ou o assistente social, cuja função específica seja o auxílio ao necessitado no sentido mais completo da palavra, realizado dentro das técnicas atuais, sempre respeitando a liberdade da pessoa humana.

Seu primeiro trabalho é ajudar o desajustado a compreender-se a si mesmo, a reconhecer o seu estado e a tomar o impulso para dêle sair com as próprias forças ou com o auxílio da comunidade.

A seguir enfrentará diversos outros problemas: os da ordem económica (salários insuficientes), os de ordem física (as variadas doenças), os de ordem emocional (conflitos internos ou de família), os de ordem legal ou religiosa (casamentos ilegítimos), etc. Para todos terá um princípio de solução, aproveitando os recursos individuais e comunitários. Como verdadeiro "médico social", procurará estimular principalmente as forças do próprio indivíduo visando a pronta recuperação e, quando necessária, lhe proporcionando a colaboração da sociedade.

Resumindo, diríamos que ao profissional do serviço social cabe "fazer com que cada cidadão viva melhor, em habitação adequada, bem alimentado, com boa saúde", com oportunidade de desenvolver suas capacidades físicas e mentais, morais e religiosas, e de empregar essas capacidades utilmente em benefício próprio, da família e da comunidade.

5. Não é preciso acrescentar mais nada para mostrar ao vivo o valor de uma profissão, diria melhor de uma vocação, qual seja a de assistente social.

De fato, a profissão significa ganha-pão; ao passo que a vocação implica doação, desprendimento, imolação pessoal.

E é o que vai acontecer com o assistente social. Para agir sobre os outros respeitando-lhes a personalidade, apelando para energias físico-psíquicas, morais e religiosas de cada um, suportando as reações de tôda a ordem, as incompreensões de tôda espécie, é preciso, além de formação académica ampla e profunda, uma energia moral que só a vocação pode dar.

O problema social, porém, está aí. E' preciso dar-lhe solução. É preciso que a sociedade colabore para resolvê-lo. Ou solução evolutiva, pacífica, adequada, ou solução revolucionária, violenta, ineficaz.

Nesse mister todos têm que trazer sua parcela de colaboração em benefício da comunidade social. Os ricos não devem esquecer os pobres; os poderosos, os humildes; os abastados, os famintos; os sadios, os doentes; os letrados, os analfabetos; os felizes, os desajustados.

Continuará nossa época a merecer o nome de época "do social", se não procurar solucionar essas questões de tanta repercussão humana?

Poderá o mundo considerar-se em progresso enquanto um raio de sol não brilhar para cada habitante da terra?

Pretenderão os governos e as organizações pensar em paz e tranquilidade social, se a miséria afoga muitas vidas e o desequilíbrio social continua a crescer em vez de diminuir?

Respostas difíceis de dar. Em todo caso, o amparo a uma Escola de Serviço Social já poderá ser considerado como um princípio de solução, como um passo dado no bom sentido, como uma tentativa de realização do bem-estar social.

ÍNDICE

Civilização e Cultura	5
Indivíduo e Pessoa	13
Verdade Cientifica e Verdade Religiosa	23
Ser e Parecer	31
Vocação e Profissão	38
As duas Cidades	46
Os Três Banquetes	53
A Universidade e a Formação das Elites	63
A Universidade e a Cultura	76
Serviço Social e Universidade	86